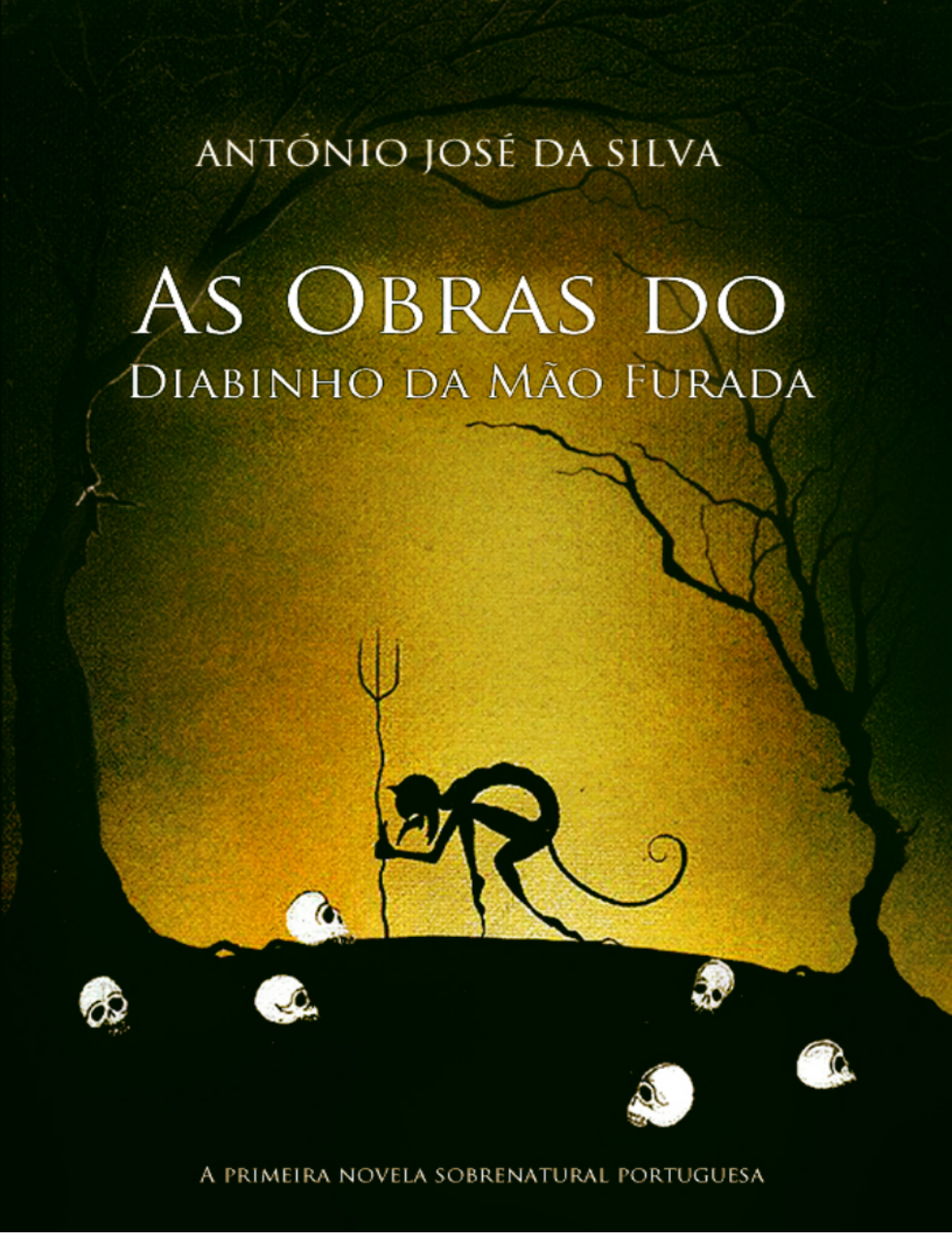
ANTÓNIO JOSÉ DA SILVA

AS OBRAS DO DIABINHO DA MÃO FURADA



A PRIMEIRA NOVELA SOBRENATURAL PORTUGUESA

AS OBRAS DO DIABINHO DA MÃO FURADA

ANTÓNIO JOSÉ DA SILVA

Esta obra respeita as regras

do Novo Acordo Ortográfico

BREVE NOTA SOBRE A OBRA

Escrita durante os inícios do século XVIII (1700) esta novela tem a particularidade de ser considerada a primeira novela de "terror" portuguesa, apesar de conter também muitos elementos cómicos.

Sendo de autoria anónima, a obra tem levantado uma ampla discussão em torno da identidade do seu autor a partir do momento em que o seu manuscrito (ou uma cópia do original) foi descoberto no século seguinte. Mesmo quando se levantou a presunção de ter sido uma obra da autoria de António José da Silva - mais conhecido pelo cognome "o Judeu" e que viria a morrer nas fogueiras da inquisição – esta não foi consensual. No entanto acabou por publicada em 1861, pela primeira vez, com o título e o subtítulo de "Obras do Diabinho da Mão Furada - uma novela Diabólica de

António José da Silva", o que ajudou à sua divulgação pois na época a sociedade fazia uma reflexão sobre as injustiças da inquisição (que se extinguiu, oficialmente só em 1821) e António José da Silva era visto como um dos mais notórios mártires desse tempo. Fosse ou não o autor, o seu nome acabou por ficar associado à obra.

Não é possível dizer em que termos a obra foi divulgada na época que foi escrita, se é que o chegou realmente a ser. Teria sido vendida sob a forma de folhetins? Teria sido narrada em salões de convívio da nobreza ou da burguesia, como era costume? Ou em botequins (bares da época) a ouvintes dispostos a ouvir? Não é possível sabê-lo. Mas a obra certamente foi escrita com o intuito de aterrorizar e de divertir quem a lesse ou ouvisse e faz um retrato perfeito e mordaz da mentalidade e dos costumes da época em que foi escrita. É uma aventura que descreve uma caminhada do Alentejo a Lisboa, cheia de peripécia e com elementos que claramente invocam a obra de Dante Alighieri, "A Divina Comédia" que tanto servem

para aterrorizar, moralizar (pelo medo) e para divertir através do sarcasmo e da paródia.

Será pertinente falar também do "demónio" que a obra invoca: O Diabinho da Mão Furada. O nome original deste personagem, e pelo qual ainda é conhecido nalguns locais do Norte de Portugal, é Duende da Mão Furada – uma criatura folclórica galaico-portuguesa que remota ao tempo dos celtiberos. É um duende caseiro e que tanto concede favores e benefícios como engana e prega partidas. Tem na cabeça um barrete encarnado, faz desaparecer peças de roupa ou outros objetos da casa e faz azedar a comida que acabou de ser feita; mas também é capaz de trazer a paz e a felicidade ao lar se o mantiverem satisfeito. Para isso basta deixarem-lhe migas de pão ensopadas em leite num prato, durante a noite, em qualquer canto da casa. Se está de muito mau humor entra nos quartos, durante a noite, através do buraco da fechadura das portas, põe-se à vontade em cima das pessoas e causa-lhes grandes pesadelos. Tem as mãos

furadas porque são mãos “cheias de enganos” e não se pode confiar nele, mas que também o faz derrubar muitos dos objetos domésticos que por vezes tenta roubar. Durante os séculos XVII e XVIII – séculos de forte domínio católico que abarcou praticamente tudo ligado ao paganismo – o duende das mãos furadas assumiu a forma de um diabrete e passou a chamar-se de Diabinho da Mão Furada ou Fradinho da Mão Furada; um ser malévolo e ligado aos medos dos infernos mas que manteve a personalidade brincalhona e sempre disposto a pregar partidas.

Para além de uma atualização ortográfica, a presente edição foi alvo de uma adaptação linguística corrente, nomeadamente, em passagens em que se verificou que linguagem usada no século XVIII dificultava, em grande escala, a leitura da obra. Tal trabalho foi realizado pela equipa do Luso Livros tendo o cuidado de preservar o estilo literário do manuscrito original.

A Equipa Luso Livros

A QUEM LER

Leitor curioso, nestas fabulosas “Obras do Diabinho da Mão Furada” ofereço-te amostras dos enganos das tuas tentações e lições sobre os seus castigos, para fugires a umas e temeres outras e para que no entretenimento da jocosidade achasses o proveitoso. Sê prudente se quiseres inclinar à doutrina que nelas te envolve e para que ache em ti melhor acolhimento do valoroso, entre o profano, como tal se esconde. Faz primeiro o sinal da cruz antes que leias, para que o mau fuja de ti e o bem te persuada.

Em cinco capítulo te dou esta beberagem. Se te não souber bem, suspende no primeiro a tua direção, que te não vai servir de nada o resto. Calunia e murmura quanto quiseres, pois és livre e senhor da tua vontade, e são inúteis as desculpas com tentações maliciosas.

CAPÍTULO 1

Retirou-se um soldado da milícia de Flandes, no tempo de Felipe II, chamado André Peralta, afligido e mal tratado da guerra, tão pobre como soldado e tão desgraçado como pobre.

Depois de entrar neste Reino de Portugal, onde tinha nascido, caminhava para Lisboa, pátria comum de estrangeiros, madrasta dos naturais e protetora dos venturosos.

Quando começou a anoitecer estava ele a uma légua de distância da cidade de Évora, num sítio aonde estavam umas casas abertas e desocupadas de gente. E vendo o soldado caminhante que a noite ameaçava com a escuridão medonha e que as nuvens sem descansar choviam dilúvios de água, resolveu passar a noite, como pudesse, nalguma casa mais reparada

daqueles edifícios, contentando-se para seu sustento as limitadas provisões do seu alforge.(*)

[(*) Alforge era um tipo de bolsa de couro que se prendia tanto à cintura como nas selas dos cavalos.]

Primeiro cortou com a espada alguns ramos de umas árvores e arbustos que estavam ali por perto, para acender uma fogueira com que se pudesse enxugar da chuva e o livrasse do frio, e só depois recolheu-se a uma das casas que julgou mais acomodada. Lá dentro, tirou do alforge fuzil e pederneira,(*) que são os mais importantes apetrechos de quem caminha, e acendeu um fogo. À luz da claridade, varreu com uns ramos parte da casa em que se acomodou e depois de se enxugar ceou parte do pobre sustento que trazia.

[(*) também conhecida por sílex, é uma pedra que ao embater com uma peça de metal – o fuzil – produz uma faísca.]

Já tinha o Soldado, depois de cear, dormido um breve sono, e estaria passada a terça parte da noite, quando o acordou um grande barulho e estrondo que vindo das divisões vizinhas; e, aplicando ao lume alguns ramos já secos, para que com mais claridade pudesse melhor testemunhar o que aquilo era, ouviu que uma voz desentoada e medonha que lhe disse:

— Sai, atrevido soldado, desta casa, se não queres morrer nela soterrado e desfazendo-se sobre ti.

A esta voz, viu o Soldado, no seu parecer, que as paredes da casa em que estava estremeciam, prognosticando a sua ruína, e que os fragmentos das antigas portas e janelas se quebravam. Mas nem por isso perdeu a compostura e fazendo das tripas coração, para não o matar primeiro o medo que o perigo, como muitas vezes acontece aos desalentados, respondeu à desentoada voz:

— Se és espírito transmigrado desta vida, e

necessitas de alguma coisa dela, rogo-te, da parte de Deus, me digas quem és e o que pretendes, que ânimo tenho para te ouvir, e prometo-te que farei tudo o que necessitares para o teu remédio, ainda que por ser um pobre soldado me seja necessário mendigar para isso. Mas se és espírito maligno, digo-te que nada me faz temer as tuas ameaças. Aqui tenho a cruz da minha espada e as palavras me ensinou a santa fé católica que me livrarão de ti e dos teus poderes, pois não tens jurisdição para executares nada sem que a Divina Providência o permita. E se o facto de eu estar aqui, te chateia, pouco tempo terás esta moléstia, pois da noite já é passada a maior parte, e assim que aparecer a primeira luz da resplandecente aurora, irei logo, mas o rigor da escuridão e tempestade que está a fazer não me dão lugar a obedecer-te neste momento. Com isto me parece que se em ti há alguma luz de razão, podes-te dar por satisfeito e desculpar-me por me atrever a ser teu hóspede, pois se no campo havia de morrer esta noite posto à chuva e ao frio, pareceu-me lícito amparar-me ao abrigo da solidão desta casa, a que me

recolhi.

— Uma vez que que estás tão reticente em saíres, por julgares haver aqui agasalho — disse-lhe a voz — que se faça aqui o estado que oferece o campo.

E dizendo isto, num breve instante, destelhou-se o telhado da casa e ficou a chover dentro dela como na rua.

O Soldado, vendo-se naquele aperto, não teve outro remédio senão meter-se a um canto da chaminé e, tomado de audácia para com o dono da casa, que até ao diabo se obriga o uso de lisonjas, disse-lhe:

— Senhor Barrabás, ou qualquer príncipe infernal, ou quem Vossa Diabrura seja, não é política de sujeitos grandes usarem tais rigores com os humildes. Perdoe-me, Vossa Diabrura, por ter violado a paz desta casa com a minha intrusão. Considerando que o medo e o frio faz unir o homem com o seu inimigo, e, como o frio desta noite era tão grande, obrigou-me a não ligar a preceitos. Peço a Vossa Diabrura que volte a telhar a

casa, para que eu me abrigue da chuva, que em rompendo a luz do dia sairei logo. Contente-se, por castigo do meu erro, com os sobressaltos e sustos que me tem dado, e se quer que conversemos um pouco, apareça, que ânimo tenho para isso, e, por mais feio que se me apresente, não usarei das palavras que sei para me livrar da sua Demonência, nem lhe direi “Vade de Retro Satanás!”, nem o notificarei com os exorcismos que tanto descompõem Vossa Diabrura.

A boa educação e a cortesia parece que até ao diabo acalma. Tais palavras ainda não eram acabadas, quando a casa estava outra vez telhada e o Diabinho da Mão Furada deu-se a mostrar na presença do nosso soldado Peralta. Era uma figura de pequena estatura, mas de disformes feições: os narizes rombos e asquerosos, os olhos encovados em profundas grutas, a boca grande, com dentes de javali, e os pés de bode; e perante o sobressalto de Peralta, disse ele estas palavras:

— Não sou, oh animoso soldado, nenhum desses

príncipes infernais que dissestes. Sou comissário geral, sim, para tentador e provocador de maldades. Depois que, por soberbas e ingratas ações, o nosso inefável criador nos despenhou das celestiais alturas, alguns foram sepultados nos abismos infernais enquanto outros de nós ficámos no ar e na superfície da terra, tendo para nosso castigo o poder para movermos as tempestades e os terremotos, mas só quando aquele que nos precipitou o permite para castigar o mundo.

«Desses sou eu um dos mais perversos e endiabrado de todos. Fui eu o que inventei o tabaco para que os homens perdessem o sentido e regalo do olfato e andassem sempre enojados dele, e bem se vê que foi invetivo esse tal vício, pois não sofrem do mal que tomam e quando espirram e lhes dizem: "Dominus tecum", respondem para evitá-lo: "Senhores, é tabaco!".(*) Assim têm por delícia estar sempre a meter o pó pelos narizes e bebe-lo em fum, o pela boca, à imitação do Inferno.

[(*) O tabaco na altura não era apenas fumado. Tabaco em pó, chamado de "rapé" era usado para cheirar e induzir o espirro. A moda começou porque se acreditava que o espirro era bom para a saúde e curava as enxaquecas. Na verdade era o efeito da nicotina que provocava tal efeito. Cheirar rapé tinha um grande revés – viciava e fazia com que os mais apanhados no vício andassem sempre a espirrar.]

«Inventei também os sapatos com o salto de um palmo de altura e a sua forquilha na ponta, em sinal do que merece quem os usa. Inventei os rebuços(*) de meio olho para licenciar às mulheres liberdades. E os monhos, as anáguas, os guarda-infantes e outras sarandagens e decotados provocadores de lascívias. Não falo em capoinas, saranbeques, chacoinas, sarabandas e seguidilhas desonestas, que isso são coisas novas para mim.

[(*) capas que ocultam o rosto.]

«Uns chamam-me Diabinho da Mão Furada e outros Fradinho, por termos alguns de nós as mãos tão rotas de liberdades, que em muitas casas onde andamos fazemos ferver o mel, crescer o azeite, aumentarem-se os bens, lograrem-se felicidades, e sobretudo, quando nos merecem com boa companhia que nos fazem, descobrimos tesouros escondidos aos donos das casas em que andamos.

«A estas casas me inclinei, para a minha habitação, pelos infelices donos que tiveram e execráveis malefícios que nelas executaram. Daqui tenho ordem de Lúcifer para acudir a todos os mágicos e bruxas que connosco têm pacto, para lhe dar conhecimento de que por meio da minha indústria querem saber.

«Determinava fazer-te má hospedagem, mas, vendo-te tão animoso e justificado, revoguei a minha intenção, que até os diabos, pelo que temos de atrevidos, respeitamos os sujeitos valerosos e não somos tão maus como nos pintam. E já me apraz em te ter por hóspede esta noite, para a passar a conversar

contigo, por seres homem de inestimável valor, a quem a minha presença não atemoriza, como a alguns coitadinhos que só do meu nome se assombram e fogem. Por isso não partirás daqui sem ires regalado e eu te fazer grandes bens.

— Agradeço a Sua Diabrura, senhor Diabinho da Mão Furada, a hospedagem desta noite, — respondeu o Soldado — por a não poder escusar, mas os favores que me promete não me são necessários, porque, como Sua Demonência costuma pôr o mel pelos beiços de semelhantes promessas, com que engana aos parvos, para depois exigir pagamento delas com mais dano dos que deu crédito, não quero eu prato de ouro em que hei de escarrar sangue; e sangue espiritual, ademais, para risco da minha salvação.

— Ora digo, — replicou o Diabinho — que és esperto, pois me conheces tão bem. É verdade que a profissão da minha natureza é a que supões: de enganar com promessas de bens, para deles tirar males de quem os recebe, sem considerar os juros com que

lhos concedo, porque os ignorantes pensam que no receber não há engano e que todo o mato é orégãos. Mas tu de mim podes estar seguro que de ti não quero nada mais que fazer-te bem.

— Outro cão que roa esse osso — disse o Soldado, que a mim me não enganam palavras que a elas, e às penas, o vento leva.

— Não sejas tão desconfiado da afeição que te tomei, respondeu o Diabinho, pois não te vejo como seres ingrato. Chegaste aqui pobre, e quero que vás rico. Considera, para não rejeitares o que te ofereço, como diz o castelhano "*hágase el milagro, i hágalo el diablo*". (faça-se o milagre e faça-o o diabo)

Ao que respondeu o Soldado:

— Se Vossa Diabrura quiser comigo usar essa gentileza, sem esperar de mim que quebre em nada a obrigação de fiel católico, "*no será mi dicha tanta, quanto será mi plazer*." (não será tanta a minha felicidade, como será o meu prazer)

— Ainda que — replicou o Diabinho — não se pescam trutas com calças enxutas, e que nunca o muito custou pouco, já te disse que não queria que te custasse nada os favores que te fizesse, porque me pago deles no gosto que tenho de falar contigo.

A isto ia responder o Soldado, mas impediu-lhe a visão de quatro vultos femininos que, com notável estrondo, entraram de repente pela janela, com grandes alaridos, os cabelos soltos, arrepiados e negros, as caras disformes, as carnes queimadas, e nas grosseiras e torpes mãos umas candeinhas acesas. Os tais vultos, ajoelhando-se em frente do Diabinho da Mão Furada, disseram assim:

— A ti, oh poderoso comissário do Príncipe das Trevas, reverenciamos e rendemos graças como tuas fidedignas súbditas. Vimos relatar os malefícios que temos feito em virtude do pacto que contigo celebramos, para que o julgues por bom acerto e não nos faltes quando te invocarmos.

— Eu vos agradeço, amigas minhas — respondeu o

Diabinho — esse trato e adoração que me fazeis. Podeis relatar as maldades que tendes executado em virtude do favor que vos dou.

Levantando-se então uma das bruxas com humilde submissão, disse ao Diabinho:

— Eu, comissário de lúcifer, venho esta noite de chupar o sangue de um menino que não tinha mais que dois dias desde que foi batizado, e deixei-o sem vida.

Ao que respondeu o Diabinho dando um formidável e horrendo grito, dizendo:

— Oh monstro indigno do meu favor e do título de bruxa, merecias, por tal obra que fizestes, que te sepultasse nas profundezas do inferno, em corpo e alma, para não veres mais a luz do sol! Não era mais lícito tirasses a vida a esse menino, antes que se batizasse? Os inocentes que em proteção divina matas, feminino Herodes, vão gozar da eterna glória! Para isso seria melhor que esse inocente vivesse até a idade em que pecasse, para que tivéssemos parte nele.

— Muito eu tentei, oh indignado senhor, — respondeu a bruxa — por executar a minha maldade antes de ele se batizar, mas, semeando os seus pais mostarda pelas casas, levantando os ferrolhos das portas e pondo espadas nuas nas entradas delas, mo impediram, que não sei que antipatia tem connosco a virtude destas coisas, que nos encontram com grande violência os nossos intentos. E quanto ao que me dizes que mais justo seria que vivesse aquele inocente até a idade em que pecasse, para nele teres parte, contenta-te pensando que se vivesse, poderia vir a ser um grande santo e, para além de se poder tornar alguém capaz de grande glória, poderia acontecer que com o seu exemplo reduzisse muitas almas a Deus e tirava-te das mãos as presas delas. Mas tu também tens a culpa da minha hidropisia de sangue humano, pois me fizeste ser uma insaciável sanguexuga dele.

— Oh inferno abreviado — respondeu o Diabinho. O feminino Herodes! Oh diabo dos diabos! Pois se aumentas com sangue que chupas aos inocentes

batizados, não te irás daqui, oh indigna da minha presença e dos meus favores, sem o merecido castigo!

E sem dizer mais nada, tomou um pau dos que o nosso soldado tinha posto no lume e moendo a bruxa a pancadas, torceu-lhe uma perna até esta ficar manca.

Admirado estava o Soldado e perdido dos seus sentidos por ver aquele espetáculo e por haver gente batizada que, para gozar dos favores do demónio, para sua eterna condenação, sofresse tal ignomínia. E maldizia no seu coração a sorte que ali o trouxera, onde se julgava em tanto perigo, vendo, segundo o seu parecer, o inferno em vida. Mas fiava no seu ânimo e coração que, encomendando-se interiormente a Deus, e mediante o Seu divino favor, iria escapar de tudo.

O Diabinho, depois de dar à bruxa o referido castigo e de lhe ordenar que durante quinze dias não fizesse signos salomónicos(*) nem o invocasse, sob pena de lhe tirar logo a vida e de lhe antecipar o inferno, onde eternamente beberia chumbo derretido, pelo sangue batizado que chupara, mandou às companheiras que

referissem o que tinham feito; ao que elas logo obedeceram, relatando tais enormidades e torpezas que o Soldado, por lhe parecerem indignas de serem escritas, não fez delas lembranças.

[(*) salomónicos = de Salomão, um dos reis de Israel. "signos salomónicos" era uma forma preconceituosa de dizer que os rituais judaicos da cabala era bruxarias.]

Depois de ouvi-las disse-lhes o Diabinho:

— Vitória, minhas amigas! Vós, sim, sois merecedoras dos meus favores. Eu vos agradeço e graduo por superlativas bruxas; e, porque tenho o hóspede que ali vedes e é já tarde, podeis restituir-vos às vossas habitações.

E elas, que até então não tinham reparado no Soldado por se dirigirem somente ao Diabinho e por o Soldado estar muito quieto, a um canto da casa, sem dizer nenhuma palavra, assim que o viram, transfiguram-se em gatos negros e saltaram por uma janela com horrendos miados.

Assombrado estava o Soldado e sem gota de sangue no corpo, porque todo lhe tinha acudido ao coração com o temor do que tinha visto e ouvido, parecendo-lhe ilusão do demónio o que julgava por realidade. Quando, desaparecendo as bruxas, disse-lhe o Diabinho:

— Que te parecem aquelas minhas súbditas?

O Soldado respondeu-lhe:

— Estou admirado, atónito e fora de mim por ver que há gente tão bruta, tão cega e tão irracional que, conhecendo-te a ti e aos teus enganos, seja capaz de executar maldades contra seu próximo e viver quatro dias licenciosamente à custa do desprezo com que as tratas, mais o inferno, aonde sabem que hão de penar certamente. Oh, miséria grande! Oh, execrável maldade! Eu confesso-te que vivia enganado, porque, por mais que ouvia dizer que havia bruxas, não o podia crer e, que com o teu favor faziam grandes malefícios e para isso te comunicavam, não me podia persuadir a que assim fosse, imaginando que não passava de

superstições embusteiras. Mas agora que vi com os meus olhos o contrário do que imaginava, se não foi ilusão do teu engano, fico desenganado, que coração sem arte não pensa em maldade.

— Quantos desses enganos há no mundo! — replicou o Diabinho. — Mal sabes o que corre nele e quantos passam na praça pública por aprimorados e virtuosos, que a mim estão entregues.

— "*Con su pan se lo coman*", (que comam o seu próprio pão) — respondeu o Soldado — que eu não lhes tenho inveja e espero que o seu S. Martinho lhes venha a tempo do arrependimento pois quem tempo tem e tempo espera, tempo é que o demo lhe leva, e que quem mal vive, mal morre!

— Mais pareces pregador que soldado, — replicou o Diabinho — contra o hábito da tua profissão, porque a maioria dos soldados, se não são diabos, são a pele do Diabo na blasfémia e liberdade de consciência com que executam os seus vícios.

— É verdade que a vida de soldado é muito licenciosa, — disse o Soldado — mas nem por isso deixa de haver muitos arrependidos e reformados, porque os perigos de que escapam na guerra muitas vezes lhe faz reformar a vida, para não os tomar a morte estando carregados de malefícios.

— Esses são poucos — respondeu o Diabinho — e não queiras tu agora ser corretor do mundo, que não és S. Paulo e também tens caído em bastantes malefícios. Não digo, porque tu os sabes, e para não te envergonhar com o que no meu livro da memória tenho tomado para a tua acusação, guardo-o para quando for o tempo Ninguém vê as trancas nos seus olhos mas vê os argueiros nos olhos alheios.

— Confesso que fui jovem e soldado — disse o Soldado Peralta — e que como tal caí em grandes desacertos contra a obrigação de católico, mas agora, que já estou arrependido e confessado, procuro emendar-me, como um gato escaldado que da água fria tem medo. E, porque este conhecimento me obriga a

afastar-me da tua companhia e a luz da manhã vem já a romper as sombras da noite, peço-te que me dês licença para prosseguir o meu caminho.

— Não sei que oculta e secreta causa me obriga, — respondeu o Diabinho — em desejar fazer-te o bem. Mas segue-me, e irás com aproveito, já que a tua sorte assim o permite.

E descendo pela escada abaixo, o Soldado, ainda que muito contra a sua vontade, foi seguindo-o até a um piso térreo, onde, sinalando-lhe o Diabinho um canto, lhe disse que cavasse ali com a sua adaga, que com pouco trabalho descobriria uma panela com quinhentos cruzados em ouro, que ali deixara enterrados certo miserável que naquela casa morrera há mais de cem anos. Assim o fez o Soldado e cavando em breve descobriu a panela com o dinheiro que o Diabinho da Mão Furada lhe tinha dito. Acomodou-o nos alforges e partiu ali rapidamente.

Mas o Diabinho tecera novos planos e decidiu a acompanha-lo até Lisboa para o livrar de alguns

contratempos que no caminho lhe podiam suceder ao mesmo tempo que lhe mostraria os enganos do mundo.

Nada contente ficou o soldado com aquela companhia, e antes preferia largar o dinheiro que levar o Diabinho consigo, por isso pediu-lhe que, se lhe fosse possível, o deixasse ir só, porque era tal o medo que tinha do seus enganos, que não teria uma hora de descanso e que, se para isso fosse necessário largar o dinheiro escondido que ele lhe tinha dado, o faria de muito boa vontade; ao que o Diabinho respondeu:

— Não sei que coisa oculta me obriga a respeitar-te e a fazer-te bem e por isso não te hei de largar até te pôr em porto seguro.

— Pois já que assim é — disse o Soldado — e te resolves a acompanhar-me, há de ser com a condição que não hás de impedir as boas obras que eu fizer.

— Disso te dou firme palavra, respondeu-lhe o Diabinho.

E o Soldado respondeu-lhe:

— Pois vamos embora.

E nessa conformidade partiram da casa, ou o que dela restava, o Diabinho da Mão Furada e o nosso soldado Peralta, a caminho de Lisboa.

* * *

Chegando à ribeira chamada Enxarrama, viram que, como naquela noite tinha chovido tanto, a ribeira ia de monte a monte, mas, sem receio disso, disse o Diabinho ao Soldado se pusesse às suas costas que ele o passaria enxuto, em paz e salvo para o outro lado do rio. Mas a cautela e desconfiança do Soldado, pelo conhecimento que tinha do sujeito da oferta, não o consentiu e respondeu ao Diabinho que, ainda que tivessem de caminhar um pouco, era melhor passarem pela ponte. Ao que, com facilidade, concordou o Diabinho, por ver ali uma oportunidade de mostrar ao Soldado que por mais que se acautelasse do seus enganos, não se

poderia ver livre deles, se ele os quisesse executar.

Depois de caminharem algum tempo, pareceu ao Soldado que tinham chegado ao local da ponte, porque o Diabinho fantasticamente lha apresentou fingida; e, ao passar o Soldado pelo meio da ponte, esta desapareceu e viu-se o Soldado no meio do rio, sustentado no ar pelo Diabinho, o qual lhe disse que por ali via o pouco que importavam as suas prevenções e cautelas, que quando ele quisesse executar maldades ele as faria, e que por isso não desconfiasse mais dele, por não haver razão de ter como verdadeiros os seus receios.

Assombrado ficou o Soldado quando se viu no meio da corrente impetuosa, dependente da vontade de quem o sustinha, imaginando que para executar maldades não havia resistência, e que para o afogar naquele rio usara o Diabinho aqueles enganos. E fazendo interiormente, naquele perigo, actos de contrição e pedindo socorro ao Céu, esteve muitas vezes para largar os alforjes com os quinhentos

cruzados, julgando-os serem tão falsos como era quem lhos deu. Mas fazendo das tripas coração e pela necessidade virtude, mostrando que não o temia, pediu ao Diabinho que o pusesse em terra, que dali por diante o reconheceria como fiel amigo.

Assim o fez o Diabinho e foram caminhando para a cidade de Évora, com o Soldado a pensar no meio que havia de tomar para se afastar de tão prejudicial companhia, enquanto, por seu lado, ia o Diabinho a fulminar planos para executar suas maldades.

* * *

Chegaram à dita cidade, aonde se aposentaram numa estalagem à porta de Avis. Nela deixou o Diabinho o Soldado, dizendo-lhe que descansasse e que se regalasse naquele dia, que ele ia dar uma volta pela cidade a fazer das suas e que à noite se veriam.

Com isto se despediu o Diabinho e o Soldado recolheu-se a um aposento, onde, fechando-se primeiro, tirou do alforge o dinheiro para o contar e verificar se não trazia carvão em vez de dinheiro. Ainda não se conseguia persuadir que tinha sido tão favorecido e que, por tão estranho meio, lhe tivesse deparado aquele reparo das tantas misérias e trabalhos que na milícia tinha padecido.

Tirado o dinheiro e desenganado, com a vista dele e da sua realidade, não cessou de dar graças a Deus por aquele amparo, porque entendia que nada acontecia sem a Sua divina vontade e ainda que o instrumento daquele bem fosse o demónio, atribuía-o à maravilha da Divina Providência. Por isso, em agradecimento de tal favor, prometeu fazer todas as obras boas que pudesse.

Depois do Soldado contar o dinheiro três ou quatro vezes e tirar dele o que lhe pareceu necessário para o gasto do caminho, pediu linhas e agulha à estalajadeira e gastou o resto da manhã a cozer os dobrões entre os

forros do casaco e da roupeta. Acabada esta obra pediu o jantar e tratou do regalo da sua pessoa como quem se achava com dinheiro fresco, pois graças à vida que professara como soldado não tinha nada de avarento, como alguns malditos que, feitos escravos do dinheiro, para não gastar um tostão, deixam-se antes morrer à fome e jejuam sem merecimento algum, poupando para outros. Tal não fez o nosso soldado Peralta, pois não era nada como essa miserável ralé. Além de alheira mandou também assar uma boa franga e com alguns fragmentos de queijo, azeitonas e bom licor, encheu a pança. E depois de almoçar, como não descansava à dois dias, para recuperar o sono que tinha perdido na noite passada, fechou a porta do aposento e pôs-se a dormir.

Entregues aos sentidos ao sono, a ocasião da ociosidade da alma, esquecido dos males e soltos os sentidos interiores, como não tirava da cabeça o Diabinho, ocorreram-lhe à fantasia tais imaginações, ajudadas pelo vapor do vinho que tinha bebido, que

sonhou que se via com ele no Inferno.

Segue-se o sonho.

CAPÍTULO 2

Chegado o soldado Peralta com o Diabinho, em sonhos, à porta do Inferno, viu que uma grande multidão de gente vinha a correr para dar ali entrada; e, admirado por ver aquele alvoroço para tão triste habitação, perguntou ao seu companheiro endiabrado que pessoas eram aquelas. Este respondeu-lhe que eram os que tinham sido condenados por serem avarentos, que não souberam na vida dar esmolas nem fazer boas ação, nem tão pouco ser senhores do que tinham; passaram a vida com tanta abstinência que a sua ignorância era-lhes agora aumentada na morte; por essa razão vinham com tanta pressa tomar ali entrada, pensando que era o paraíso, mas depressa veriam o que lhes estava reservado.

Admirado ficou o Soldado da brutalidade de tal

gente, e, entrando pela boca da infernal gruta, aturdiram-no e assombraram-no alguns horrendos latidos do cão Cérbero(*) a quem o Diabinho, assobiando, sossegou, dizendo que eram amigos.

[(*) Na mitologia grega, Cérbero era um monstruoso cão de três cabeças que guardava a entrada do Hades, o reino subterrâneo dos mortos, deixando as almas entrarem, mas jamais saírem e despedaçando os mortais que por lá se aventurassem. Era comum no século XVII usarem-se elementos da mitologia greco-romana para descrever o inferno católico pois não há uma descrição bíblica dele. Das poucas menções do inferno na Bíblia, ele é, inclusive chamado de "Hades", mostrando ainda traços da influência pagã da antiguidade clássica na Bíblia. É da imaginação dos escritores do século XIV e adiante, sobretudo de Dante Alighieri que escreveu a "Divina Comédia", que nascem as visões do inferno que ainda hoje predominam, estas foram sempre suportadas e usadas pela igreja como meio de alargar a sua influência.]

Passaram adiante, e na primeira câmara viu o Soldado muitos homens em pé, armados com varas de

justiça(*), e por detrás deles outros tantos a escrever em documentos, e um grande número de demónios a espanca-los também com varas, mas tão cumpridas que os alcançavam a todos.

[(*) No século XVIII, eram varas e não martelos, como é hoje, o símbolo de imposição de justiça. Daí vem a nomenclatura "Vara Judicial" que é a área territorial de atuação definida para cada juiz.]

E os que tinham as varas clamavam:

— Socorro! Socorro! Da parte de El Rei, deem vossas senhorias denúncia destes desacatos aos ministros reais, senhores escrivães, para que se seja dado o merecido castigo!

E isto diziam continuamente mas quanto eles mais gritavam, mais os demónios lhes davam, dizendo-lhes:

“Varas, que por ambições

De interesse e de cobiça

Mediram mal a justiça,

Merecem varejões.”

— “*Quien tal hace, que tal pague*”(Cá de fazem, cá se pagam) — diziam os demónio — que aqui não conhecemos nem Rei nem Roque.”

Perguntou o Soldado ao Diabinho que gente era aquela e ele respondeu-lhe que eram os alcaides (juízes) e meirinhos, (oficiais da justiça; polícias) e os que estavam por detrás os seus escrivães, guardas e porteiros, que se tinham condenado por fazerem mal os seus ofícios, e que, por terem sido instrumento da sua condenação as varas e os poderes delas, davam-lhe agora por tormento as pancadas daquelas grandes varas.

Noutra câmara viu o Soldado algumas pessoas com

expressões graves, sentadas em tribunais asquerosos, a quem muitos espíritos malignos estavam a fazer fogueiras de papel queimado e a abrasarem-nos com o fumo e o fogo lento, enquanto lhes diziam:

“O interesse e o respeito

A tal pena a causa deram,

Pois na vida vos fizeram

Fazer de torto direito.”

E, perguntando o Soldado ao seu fiel companheiro quem eram os defumados este disse-lhe que aqueles eram alguns ministros, que se tinham condenado por terem dado sentenças injustas, por paixões ou corrupção; e que aqueles papéis com que os ofendiam significavam os feitos delas, porque em todos os estados havia maus e bons.

Noutra parte viu o Soldado alguns sujeitos sentados e

ao redor deles muitos demónios atroando-lhe os ouvidos com disformes buzinas e dizendo-lhes de vez em quando este quarteto:

“Ouvidos que ouvir na vida

Não quiseram pretendentes,

No Inferno as tristes buzinas

Ouvirão eternamente.”

E perguntando o nosso Soldado quem eram, respondeu o seu companheiro que eram os ministros que por fecharem as portas e os ouvidos aos pretendentes (arguidos) se condenaram.

Admirado estava o Soldado por ver tal espetáculo e não conseguia convencer-se que fosse verdadeiro, julgando ser outra visão fantástica como a da fingida ponte, pois não se podia conceber que de homens cristãos e honrados coubesse tais desacertos.

Ainda noutra câmara apareceram-lhe outras figuras a folhear grandes livros que alguns demónios lhe tiravam das mãos de vez em quando, e davam-lhes com eles às pancadas, dizendo-lhes estes dois, tão sábios e exemplares, epigramas:

"Folheais sem descansar

Os textos com desprazeres,

Pois os vossos maus pareceres

Vos fazem aqui penar.

Padeceis a infernal ira,

Pois fazeis com maldade

Ou da mentira verdade

Ou da verdade mentira."

Perguntou o Soldado ao companheiro endiabrado quem eram aqueles. Ele respondeu-lhe que eram advogados que se condenaram por irem procurar textos para trapaças que queriam sustentar do seus constituintes pelo interesse que dele recebiam, mesmo entendendo que era prejuízo para a justiça das partes, e que em pena disso dava-se-lhes o tormento de estarem sempre a folhear aqueles livros com que os espancavam de vez em quando.

A estes seguia-se outro conclave de pessoas muito esfarrapadas, rotas e mal vestidas, uns muito pensativos e sonhadores, outros mordendo as unhas e outros dando palmadas nas testas, fazendo gestos no ar como se fossem doidos, e atrás deles alguns demónios dando-lhe a seguinte vaia nestes dois quartetos:

“Pródigos, que despendendo

Tanto ouro e tanta prata,

Tantos rubis e diamantes,

Tantas pérolas e esmeraldas,

Encarecendo belezas

Que se hão de tornar em nada,

E que terão no fim da vida

Apenas uma mortalha!"

Perguntando o Soldado ao seu companheiro da mão furada que gente era aquela, este respondeu-lhe que eram poetas que se condenaram por darem epítetos às belezas humanas, chamando-lhes divinas, angélicas, idolatradas e soberanas, e outras semelhantes loucuras; e que por mais que se quiseram desculpar, dizendo que era ornato e exaltação da poesia as hipérboles daquelas lisonjas, não lhes foi aceite a desculpa.

— Aqueles que ali vês mais pensativos estão loucos, buscando conceitos no entendimento para um texto poético no qual diz que Plutão condenou o rapto de

Prosérpina, feito por ele próprio,(*) e os que vês a bater na testa e a morder as unhas estão a pensar em consoantes para os versos que já começaram.

[(*) Plutão (Hades, para os Gregos) era, de acordo com a mitologia romana, o deus do mundo inferior e senhor da terra dos mortos. Segundo a mitologia, apaixonou-se por Prosérpina (Perséfone para os Gregos) e quando a viu, um dia, sozinha a colher flores num prado, irrompeu do funda da terra, raptou-a e levo-a para o seu reino onde casou com ela e fê-la rainha do submundo. Diz ainda a mitologia que o rapto de Prosérpina causou grande aflição ao mundo dos Homens pois Prosérpina era filha de Ceres (Deméter, para os Gregos), a deusa da natureza e da fertilidade, e esta ficou de tal maneira inconsolável com a perda da filha que o mundo, antes eternamente ameno e florido, ficou estéril e mergulhado em frio e gelo. Perante tal calamidade Júpiter (Zeus, para os Gregos), ordenou que Plutão deixasse que Prosérpina fosse para junto da mãe durante seis meses ao ano enquanto os outros seis permaneceria no submundo. Deste acordo nasceram as diferentes estações do ano.]

«O castigo que se lhes dá é dobrarem-se-lhes os tormentos que padecem. E eu não sei que antipatia tem a fortuna com a poesia, que tão pouco favorece os poetas apesar de ser tão aplaudida por eles, e que simpatia tem a poesia com a miséria e a pobreza, que não houve professor seu, por mais talentoso que fosse, que não acabasse na maior miséria. E por isso, com muita razão, está naquele canto o pai de Ovídio(*) a açoita-lo, por este fazer versos, mas enquanto leva com o chicote, promete, em verso, emendar-se, porque é tal a doença da poesia, que, por mais que procurem os génios que a professam deixá-la, não se podem livrar dela.

[(*) Famoso poeta romano da antiguidade clássica.]

Não tinha o Diabinho acabado de dizer as razões referidas, quando o Soldado viu muitos homens montados em mulas, vestes longas, com anéis de bispos

e luvas fechadas nas mãos, vindo a fugir de uma grande multidão de gente que os seguia, dizendo-lhes:

— Esperai, infames verdugos da morte, que vós pagareis aqui o que nos destes a beber com tantas sangrias e beberagens! E o pior foi que, quando estávamos a morrer, vocês diziam-nos que estávamos sãos, e por isso descuidávamos do arrependimento da nossa salvação. E, por nos chegar a morte de repente, não podemos tratar dele. São vocês, malditos, os responsáveis por termo vindo para aqui com este epigrama:

“E assim com razão pagais,

Com pena e rigor tão forte,

Serem na vida e na morte

Gadanhas universais.”

Seguiam também este grupo, mais dois tumultos de

gente, uns atirando-lhe com redomas, almofarizes e espátulas, e outros com violas e jogos de tábuas. Os primeiros diziam-lhes:

— Falsos Galenos,(*) vós haveis de pagar por terem sido o instrumento da nossa perdição com a porcaria das vossas receitas!”

[(*)Galeno de Pérgamo foi um proeminente médico e filósofo romano de origem grega, e provavelmente o mais talentoso médico investigador da antiga Roma. As suas teorias dominaram e influenciaram a ciência médica ocidental por mais de um milénio.]

Já os segundos diziam que eles tinham a culpa das inumeráveis execuções resultantes das suas sangrias.

Não ignorou o soldado Peralta que os cavaleiros nas mulas eram médicos e os das redomas e guitarrinhas barbeiros e boticários,(*) e por isso não perguntou nada ao Diabinho, mantendo-se a ver no que dava aquela revolta. Quando apanharam todos aos doutores,

deitaram-nos das mulas abaixo e arrastaram-nos por uns metros; depois deram aos boticários asquerosas beberagens e aos barbeiros fizeram muitas sangrias com lancetas de fogo ardentíssimo.

[(*) Boticários, hoje o equivalente aos farmacêuticos, eram aqueles que vendiam chás, remédios, pomadas e mezinhas para todo o tipo de males. Já os barbeiros, para além de cortarem o cabelo e fazerem a barba, na falta de médicos locais, também realizavam sangrias, o que era uma prática comum, porque, ingenuamente, acreditava-se que uma pessoa se curava de uma doença livrando-se do sangue contaminado. Isso resultava, claro, em que a pessoa doente enfraquecia e acabava por morrer mais depressa.]

Ocupado estava o Soldado a ver estas coisas, quando apareceu outra grande multidão de gente, uns com sovelas(*) e outros com tesouras nas mãos, dando uns nos outros soveladas e tesouradas, fazendo uma barafunda de todos os diabos; e a causa da disputa era sobre quem tinham sido na vida mais mentirosos.

[(*) sovelas eram agulhas grandes com que se cosia o couro das peles e as sacas de serapilheira.]

E, como os das sovelas eram sapateiros e os das tesouras alfaiates, não se atreveram os demónios que os acompanhavam a resolver a questão, limitando-se a dizer-lhes este quarteto:

“Destes, por ser singular

O mentir pelo seu prazer,

Podemos nós aprender

A mentir e a enganar.”

E logo atrás desses demónios viu o Soldado que estavam outros maiores e traz desses ainda outros tantos, que traziam pessoas de rastro e lançavam-nas

num lago de água suja, fedorenta e turva, para que bebessem nele a mesma porcaria que tinham posto nos vinhos que venderam por serem taberneiros. Os taberneiros gritavam para que não os lançassem dizendo que o vinho não merecia tão grande castigo pois ia assim batizar-se e fazer-se cristão; e os demónios em paga de uma tão boa vontade, como eram missionários batizantes de Baco,(*) respondiam-lhes:

“Bebei nessa eternidade,

Velhacos de infame ser,

Dessa água mais quantidade

Que a que fizestes beber

Aos homens contra a vontade!”

[(*) Baco – Deus Grego e Romano do vinho e dos prazeres excessivos.]

Admirado estava o soldado Peralta em ver como se pagava no Inferno as maldades que se faziam no mundo, quando viu sair de uma sala ou gabinete muitas mulheres com monhos e guarda-infantes(*), enquanto duas outras, sem ornamentações, lhes vinham atrás a ordenar que tirassem depressa o que traziam. Elas, sem querer obedecer, diziam que não tinham de os tirar por serem ornatos das suas pessoas, ao que replicaram as duas que, sendo elas senhoras do Inferno, não os traziam e que por isso não lhos tinham de consentir.

[(*) Monho era o nome que se dava às perucas e cabeleiras grandes e elaboradas, típicas do século XVII. Guarda-infantes era o nome de um tipo de corpete em forma de funil que se usava de modo a ter-se a saia em forma de balão; chamava-se "guarda-infantes" porque tornavam as saias tão volumosas que se dizia poder ali esconder príncipes e amantes.]

Porém, elas responderam que, se os não traziam, era porque no seu tempo não era costume usar-se. Fizeram às suas ordens ouvidos de mercador e disseram todas: “Nunca!”

Houve sobre “Sim, hão de tirar; não, não tiramos” uma escarapela do diabo e começaram todas às gadelhas. Porém, as duas senhoras, vendo a sua pertinácia, mandaram vir muitos diabos com tochas acesas, os quais puseram fogo aos monhos e aos guarda-infantes e, porque elas sentiam mais tormento em os ver arder do que da dor que padeciam, começaram todas a aclamar:

— Ai, o meu monho! Ai, o meu guarda-infante! Quem há de ter olhos para se ver sem eles?!

E com isto fizeram tais gritarias que atroaram o Inferno, e alguns demónios disseram-lhe:

"Nesta infernal oficina

Não devem andar galantes

E a todas as circunstantes

Manda Prosérpina

Queimar os monhos

E os guarda-infantes.”

Sorrindo o soldado Peralta de ver semelhante diferença, perguntou ao seu endiabrado companheiro quem eram as duas mulheres que como senhoras mandavam queimar às outras os monhos e os guarda-infantes, e o Diabinho da mão Furada respondeu-lhe que eram Eurídice e Hécate,(*) que os poetas fingiram ter sido levadas para ali pelo príncipe infernal e foi falso testemunho que eles levantaram, que até os demónios no Inferno não estão livres deles. A verdade é que elas, pelas suas obras e pelos seus pés, vieram para cá, que ninguém as foi buscar.

[(*) Eurídice = a mulher do poeta Orfeu a quem este tentou salvar dos infernos. Hécate = Uma das aias de Prosérpina, era a responsável por provocar os pesadelos. A sua origem é mais antiga que a de Prosérpina e chega a confundir-se com ela. Também conhecida por ser a mãe das bruxas.]

Não tinha o Diabinho acabado de referir estas palavras, quando o Soldado noutra parte viu muitas pessoas cobertas de ásperos cilícios e macilentas, agachados aos pés de um demónio que estava sentado sobre um trono de fogo, que ardia sem dar luz, e estava coroado de negro lume. Assombrado o Soldado com tal visão, perguntou ao seu familiar infernal que gente era aquela e ele respondeu que eram os mártires do diabo, a quem na vida chamavam hipócritas, que com contas na mão fingiam que rezavam e com aqueles cilícios e outras penitências e devoções que ostentavam enganavam o mundo para os ter por bons, sendo eles os mais perversos e depravados dele. O príncipe a quem adoravam era o grande Lúcifer, o qual lhes dizia:

“Castiga-te o meu poder,

Sem ninguém te poder livrar,

Pois te quisestes perder

Com o que te podias salvar.”

Noutra parte apresentou-se ao Soldado muitos homens em grandes cálculos com compassos, quadrantes e esferas nas mãos, cujas insígnias mostravam ser astrólogos. Uns defendiam que não havia mais que o céu empíreo e que no côncavo dele estavam as estrelas e os outros corpos celestes enquanto outros contradiziam a opinião; e sobre isto havia tais gritarias que o mesmo Inferno se assombrava em os ouvir. Sobre tais desavenças vieram-se a descompor de tal maneira que atiravam uns aos outros os globos celestes e terrestres, esferas, astrolábios, brúxulas, cilindros, compassos e pantómetros, fazendo

tal revolta que um diabo que os acompanhava lhes disse:

— Maldita gente, que se mete a querer testemunhar aquilo que não viu e à "*troche moche*"(sem medida e qualquer jeito) dizer tais disparates como os seus focinhos?! Que astrologia ou ciência foi a vossa, pois não vos soubestes livrar de vir argumentar sobre ela neste lugar e abismo?! Por vida do senhor Lúcifer, que, se mais algum dizer palavra, hei de tapar a boca a cada um com o seu demónio que o martirize! Deixem estar o céu, as estrelas, o sol e a lua nas suas esferas e não se metam no que não sabem, nem que deste abismo se pode considerar.”

Calaram-se todos e o demónio prosseguiu, dizendo-lhes:

“A astrologia divina,

De que todos sois indignos,

De entendimentos divinos

Somente pode ser digna.”

Noutra parte apareceram um grande número de mancebos (jovens rapazes) com penteados de nazarenos,(com caracóis) vestidos à moda com calções justos, meias de glória, sapatos acolherados com a sua forquinha e o seu palmo de salto, todos muito limpinhos e asseados, e atrás deles muitos demónios lançando-lhes lama na roupa e sujando-lhes as meias e sapatos, com o que estes se desatinavam e faziam notáveis clamores e gritarias, pedindo aos demónios que antes lhes fizessem grandes males em vez de lhes sujar os fatos, porque na limpeza deles estava a pena do seus males. Mas os demónios não só não pararam os malefícios como ainda, depois de os terem sujado, começaram com tesouras ardentes a tosquiar-lhe as gadelhas e a queimar as bigodeiras, com que eles faziam tais extremos de sentimento que pareciam doidos; e os demónios davam-lhes vaia dizendo-lhe

este epigrama:

“A vossa perversa maldade

Aqui onde parar veio

Fez da limpeza e asseio

Converter-se em sujidade.”

Perguntou o Soldado ao seu intérprete da mão furada que gente era aquela e este respondeu-lhe que eram peões, que sem eira nem beira, nem ramo de figueira, os sustentava aquela limpeza, porque com ela passavam a imagem do que não eram e enganavam o mundo, e que sob pena disto lhe mandavam sujar os vestidos e cortar as melenas, que eles sentiam mais que qualquer outro tormento, porque na limpeza dos vestidos livravam os seus pecados.

Não tinha o Soldado acabado de se admirar com aquela cena, quando noutra parte viu que vinham a

correr muitas pessoas vestidas com capas e barretes e atrás deles uns quantos demónios, que lhes diziam:

— Vão-se embora, com todos os cavalos do nosso Inferno, para ser demónios no mundo, como eram em vida, que não queremos cá tal gente nele, porque senão arrebentam com o nosso império e connosco, porque todos somos meninos de mama para os vossos embustes e travessuras.

E na discussão de "não nos havemos de ir — sim, hão de ir" havia grandíssima revolta, ao que acudiu o Diabinho, porque viu que os expulsos eram estudantes e disse-lhes:

— A paz! A paz, cavalheiros, amigos somos todos! Estes senhores foram meus companheiros em executar maldades. As vossas Diabruras merecem a minha recompensa de lhe dar abrigo, pois tantas diligências fizeram na vida para o merecer.

Assim que os demónios viram o Diabinho, sossegaram-se, dizendo este satírico epigrama:

“São de tal maneira endiabrados

Os estudantes bargantes,

Que onde estão estudantes

São os demónios escusados.”

Contudo foram admitidos por intercessão do interlocutor infernal da mão Furada, e por isso se diz que até no Inferno é bom ter um amigo.

Pensativo estava o Soldado a contemplar a situação, quando por uma infernal rua viu passar um grande número de coches e liteiras. Admirado, perguntou ao Diabinho:

— É possível que também no Inferno se ande em coches e liteiras?

E o Diabinho respondeu-lhes que havia um infinito número de coches e liteiras, porque neles e nelas

estavam aqueles a quem os coches e as liteiras tinham trazido ao Inferno; ao que o Soldado lhe replicou, dizendo:

— Como podiam os coches e as liteiras ser a causa da sua condenação, se ela pende dos maus procedimentos humanos?

— Pois eles e elas — respondeu o Diabinho — os originaram, porque em se vendo no seu coche ou liteira, qualquer daqueles que neles e nelas vão soberbos, desprezava os humildes e se imaginavam sobre as estrelas, pensando que na liteira ou no coche caminhavam para o Céu, vangloriosos daquela ostentação; e para as manter, nem davam esmola aos pobres, nem pagavam o que deviam, por isso digo, e bem, que os coches e as liteiras os trouxeram ao Inferno.

A isto disse o Soldado:

— Isso são pragas tuas, pois muitos senhores e fidalgos conheço eu, em coches e liteiras, muito

caritativos, benignos e ajustados com a razão.

— Não te nego — respondeu o Diabinho — que há bons e maus; e os que merecem o nome de bons são aqueles cujas obras conformam com a antiga nobreza do seu sangue; porém aqueles que entram no novicio da fidalguia e pensam que é na inchação e na soberba que consiste a manutenção da sua posição, todos se perdem sem que as minhas tentações lhes sejam necessárias.

A isto ia o Soldado para responder, quando viu que muitos diabos que seguiam os coches e as liteiras vinham a gritar:

— Parai! Parai! Cocheiros!

Os quais se faziam surdos às diabólicas vozes; mas, detidos por outros demónios, que lhes saltaram para a frente do caminho, foi forçoso obedecer-lhe; e os demónios disseram aos que iam nos coches e nas liteiras:

— Vossas senhorias, senhores galantes, pensam que

vieram nessas carruagens para passear no Inferno? Pois muito se enganaram. Apeem-se depressa, que lhe queremos dar os tormentos que merecem.

E os das carruagens responderam que aqueles termos era muito descorteses e indignos de se usar com pessoas da sua estirpe; que se fossem embora pois eles não se tinham de apear. E sobre isto houve uma revolta tão infernal, que, indignados os diabos, puseram fogo aos coches e às liteiras, em que se abrasaram os que vinham dentro, sem que para isso fossem bastantes os gritos lastimosos, gemidos sentidos e horríveis suspiros com que dentro repetiam de vez em quando estes dois quartetos:

“Estes coches e liteiras

Deram connosco através,

Porque as vanglórias do mundo

Nisso sempre a parar vem.

Oh, quem a nascer tornara

De novo agora outra vez,

Para que viver soubera

Como havia de viver!”

Não acabara o Soldado de se admirar destas imagens, quando noutra parte viu muitos homens amarrados a grades de fogo ardentes e outros tantos diabos que lhe estavam a dar rigorosíssimos tormentos. Os atormentados queixavam-se com estrondosos e horrendos alaridos, ao que os demónios respondiam:

— Justamente padeceis, velhacos, ociosos e lascivos, pois, tendo na vida tantas mulheres com liberdade para os vossos gostos, foram escolher corromper as religiosas dedicadas e inquietáveis nas suas clausuras, as esposas do inefável criador, tão cioso da pureza, como poderoso.

E depois deste vexame começaram todos a dar-lhes vaia, dizendo:

"Mentecaptos e ignorantes,

Que fabricaram, cegos de amor,

Edifícios de esperanças

Sobre alicerces de vento.

Que pretendiam fazer

Com as mulheres protegidas

Que já tem um esposo tão cioso

E com poder tão imenso?

Sem temer quem pode tudo,

Mais brutos que parvos,

Navegaram com vento em popa

Na vida para os Infernos,

E sofreis agora castigo

Por tal semelhante sacrilégio.

Tântalos das vossas glórias sois,

Pois delas os desejos,

Tendo-os à vista dos olhos,

Lograis só com pensamento.

Esta letra vos cantamos,

Não para vos dar conselho,

Mas para vos dar vexames

De mentecaptos e néscios.” (parvos)

Acabada a música, os demónios desamarraram das grades aqueles afligidos, levaram-nos de rastro e

lançaram-nos em ardentes fornalhas onde se abrasaram.

Compadecido, o Soldado contemplava e pensava o quão arriscado era na vida desinquietar as religiosas dedicadas a Deus e quão digno do castigo se lhe dava.

Nesta consideração estava, quando, desaparecida aquela visão, viu noutra parte muitos demónios a fazerem casacas com as peles de velhas setentonas, às quais, dando rigorosos empurrões a umas e a outras, com ferro ardente, as peles lhes tiravam; e elas com horrendas vozes gritavam que não era aquele o prémio que esperavam no Inferno por terem sido na vida almoedas ou alcoviteiras(*) de tantas virgindades, profanidade de tantas virtudes e recolhimento e motivo de tantos adultérios; por isso requeriam que as levassem para diante do senhor Lúcifer para lhe pedirem justiça, que ele estava obrigado a fazer como absoluto senhor e rei do infernal império.

[(*) As alcoviteiras eram as mulheres que arranjavam clientes para as prostitutas e por isso ganhavam uma parte dos ganhos — ou seja eram proxenetas. Almoedas eram aquelas que faziam o mesmo mas num bordel próprio.]

E os demónios responderam-lhes:

— Que justiça se vos há de caber, infames? Que justiça solicitais, mais do que a padeceis, que é o que mereceis? Porque os serviços que dizem que fizestes ao senhor Lúcifer não foi em seu nome, mas para os vossos particulares interesses, comendo e regalando-vos com o dinheiro que vos davam pelas vossas alcovitarias. Ele não vos deve nenhuma remuneração e justamente vos dá o castigo que mereceis pelas vossas maldades, por serdes a causa de todas as que fizestes pecar com as vossas persuasões e enganos, que também carregam sobre as vossas costas. Por isso tapai as bocas já e sede as nossas casacas.

E quando começaram de novo a pelá-las, e elas gritaram este quarteto:

“Penamos porque de gostos

Alheios fomos terceiras,

Que as pagas que dá o mundo

São todas desta maneira.”

Desaparecida esta visão, apareceu-lhe logo outra ao Soldado de muitos homens com cruéis mordaças de ferro em brasa na boca. E, perguntando ao seu companheiro que gente era aquela, ele respondeu-lhe que eram barqueiros, almocreves, carreteiros, carniceiros e os que por dinheiro mentiam, que todos por blasfemos se lhe dava a pena daquelas mordaças.

A esta se seguiu logo outra cena de um grande número de homens e mulheres espancando-se com grandes gritarias e alaridos. E perguntando o Soldado ao Diabinho que gente era aquela, ele disse-lhe que eram os mal casados, que por viverem conformes às

suas vontades o tinham assim sido e se condenaram.

— Não entendo — replicou o Soldado — esse enigma, porque como era possível, tendo sido mal casados conformes as suas vontades, sendo justas, que resultasse daí a sua condenação?

— Pois, ou justas ou injustas, assim são as coisas. — respondeu o Diabinho — Escuta-os, que eles mesmos com as suas queixas te desfarão a dúvida.

E atendendo o Soldado a elas, viu que as mulheres diziam a altas vozes:

— Velhacos, traidores, que por seguir-vos as ações nos trouxestes a este lugar. Nele pagareis os males que fizestes e as guerras e desavenças que nos destes!

— Pois, licenciosas velhacas — replicavam os homens — quem vos obrigava a imitar-nos?

— E era justo, malditos glutões — respondiam elas — que nos dias de obrigação de jejum em que vocês se fartavam de comer e regalar, nós fossemos por,

ventura, morrer de fome a jejuar?

— Se era mal feito, cruéis inimigas — replicaram eles — não imitassem tanto as nossas depravadas vontades, sendo vocês, por serem mulheres, obrigadas a ser mais escrupulosas e timoratas.

— Oh, infames! — disseram elas. — Vocês queriam era comer a papa sozinhos enquanto nós ficaríamos a rezar o Pater noster. Se alguma perdiz ou regalo vinha à mesa para ser alimento das vossas vontades, se nós não reclamássemos parte nunca mais lhe púnhamos a vista em cima.

Depois destas razões e de grandes réplicas começaram a chover murros entre todos, fazendo uma gritaria que aturdia o Inferno. As mulheres, umas exaltadas, diziam a altas vozes:

— Ai! Que me quebrou um braço, este traidor! Ai! Que me rachou a cabeça, este inimigo!

Outras:

— Ai! Que me matou este ladrão por lhe ter seguido as pesadas!

E os maridos também ficavam muito bem presenteados, porque levavam e calavam; e enquanto todos se estavam a despedaçar uns aos outros, feitos uma brasa, os demónios que os assistiam, estavam a repetir este quarteto:

“Estes malditos casados

Em depravadas vontades

O merecido padecem

Das suas conformidades.”

Acabada esta cena, viu o Soldado noutra parte um rei acompanhado por muitos homens, cujos trajes dir-se-ia serem grandes indivíduos, aos quais seguiam um infinito número de demónios que os martirizavam e lhe diziam palavras injuriosas, como este quarteto:

“Pagai, desagradecidos,

No eterno fogo infernal,

Pagar na vida tão mal

Benefícios recebidos.”

Lastimado de ver tão rigorosos tormentos, perguntou o Soldado ao Diabinho que rei era aquele e que pessoas eram aquelas que o acompanhavam, e ele respondeu-lhe que eram os ingratos e que o rei era Saul,(*) que, depois de ser ingrato para com quem o levantou à dignidade real, o foi também para com David, ao querer tirar-lhe a vida após este o livrar do gigante Golias e de lhe tirar o Demónio do corpo com a suavidade do seu canto e virtude das vozes da sua harpa. Os que o acompanhavam eram senhores que o imitaram em semelhante vício.

[(*) Saul — um dos primeiros chefes das tribos de Israel. Quis

matar muitos dos homens mais influente que o tinham apoiado, por temer que estes também podia usar a sua influência para lhe tirar a sua posição de chefia, e quis matar o pastor David, por inveja, quanto viu que o povo o aclamava depois deste ter morto o gigantesco soldado filisteu Golias.]

* * *

Iria o Soldado continuar no sonho em que estava engolfado, se o Diabinho da mão Furada, entrando pela janela do quarto, não o acordasse, dizendo-lhe:

— Não durmas mais, companheiro, porque é tarde e poderá fazer-te mal.

Acordou o Soldado sobressaltado, porque, como sonhara que estava no Inferno, esperava com grande temor o lugar e o castigo que a ele lhe caberia e por isso disse ao seu familiar endiabrado:

— Deixa-me, companheiro, que me estás a matar aos poucos. Estar em comunicação com a tua pessoa e a

presença do teu espírito, pôs-me tão atemorizado de ontem para cá que acabo de sonhar que me via contigo no Inferno; e estou fora de mim com o que sonhei, porque se só a sombra dos horrores do inferno me atemoriza tanto, que fará a realidade do seu espetáculo?

— Deixa-te desses assombros — respondeu o Diabinho — que isso são ilusões da fantasia, pois o Inferno não se vê a não ser quando se padece, porque se o Céu permitisse o contrário, ninguém se condenava e estavam os demónios ociosos. E para te livrar dessas imaginações, quero-te divertir contando-te o que passei esta tarde, depois que me afastei de ti.

«Primeiramente fui-me à Universidade, e tantos argumentos fulminei em tais debates e sobre eles se altercaram os estudantes, que estiveram a ponto de se matarem todos, se não tivessem os religiosos da Companhia acudido com a justiça para atalhar a disputa.

«Fiz jurar falso a algumas pessoas por limitados

interesses e levantar a outras falsos testemunhos. Tais alvoroços fiz em toda a cidade, que por ela diziam que andava o diabo à solta! E diziam bem.

Depois fui a certo convento de freiras fomentar as discussões que entre elas havia sobre a eleição que queriam fazer para nomear uma abadessa. Divididas em duas partes, cada uma estava inclinada a escolher uma freira diferente, mas com tanta paixão que umas diziam às outras:

«Manas, se a fulana tal não for abadessa, não seremos nós filhas dos nossos pais!

«Pois isso, — respondiam outras — pode acontecer, tendo da nossa parte tantos votos. Pelo amor Deus, que se sucedesse que Ele nos faltasse, haveria de haver neste convento outra batalha como a de Roncesvalhes. (*)

[(*) A Batalha de Roncesvales foi uma famosa batalha travada em 778 na qual o exército de Carlos Magno foi dizimado por

guerreiros vascões, que eram o povo natural da atual região de Navarra, em Espanha.]

«Pois eu lanço muito bem as favas e os pãozinhos a Santo António, e sempre me saiu a sorte a favor do nosso intento.

«Pois eu, mana, — replicou outra — este S. João passado lancei por ele três alcachofras, e todas me saíram floridíssimas, que não havia coisa mais linda que ver.

«E eu, — disse outra — estive no nosso mirante (torre) com uma bochecha de água na boca, até à meia noite, e o primeiro nome que ouvi foi o da nossa abadessa.

«Não me fio nessas coisas— replicou a cabeça do grupo— porque todas são superstições e disparates sem fundamento algum, ao que catolicamente não se deve dar crédito, antes julgo por grande imprudência e ofensa de Deus exercitá-las.

Na outra parte das do grupo contrário diziam as outras:

«Não há dúvida que a nossa parte há de prevalecer, porque eu mandei chamar certa beata, minha conhecida, e diante de mim fez andar uma peneira como uma desatinada; e um devoto meu avisou-me que encomendara a certo matemático judiciário, e que ele levantara figura sobre a nossa pretensão e lhe mandara dizer que não tinha dúvida.

«Não nos lancemos nós a dormir nessas coisas — replicou outra mais anciã, — que dessas coisas não faço caso e nenhum cabedal pelo que têm de enganosas, que os futuros contingentes só Deus os pode saber, e falo verdade, que nós não sabemos mais que conjeturá-los incertamente.

«Ai mana! — respondeu outra — como sois desconfiada e escrupulosa! Pois dizei-me: os astrólogos não fazem os repertórios, em que adivinham os tempos de antemão?

«E quando, — replicou a anciã — disseram eles a verdade, se não foi por acaso? Não vedes vós que, quando eles dizem “há de chover”, faz bom tempo e, pelo contrário, quando dizem que não há de chover, chovem dilúvios de água? Por esta razão tomam sempre por salvaguarda destas mentiras o dizerem antes: “Deus super omnia”. (Deus acima de tudo)

«Pois eu sei de uma devoção para chamar uma alma, — disse outra — e esta noite há de me vir falar e dizer-me a verdade.

«Também disso me riu, — replicou a veterana — porque a palavra de Deus nos ensina que quem deixa esta vida, não volta a ela.

«Ora mana, digo que sois terrível, — disse a que falou — pois a tudo quereis contradizer.

E replicou a que mais descortinava desenganos:

«Pois e pressupondo que isso tal aconteça, tereis vós coragem para lhe falar?

«Claro que terei! — respondeu ela — pois não há mulher deliberada e determinada que se intimide com nada!

— Neste ponto deixei-as, e sou eu mesmo que esta noite, às onze horas, lhe hei de ir falar, pensando ela que há de ser uma alma passada desta vida. O que não sabem é que as devoções que elas fazem para as chamar têm um pacto secreto connosco. O mal é que muitas que por esta via nos convocam, quando lhe aparecemos e falamos, não têm coração para nos ouvir e lançam-nos de si, assombradas, com palavras a que não podemos resistir; mas elas pagam-no com o que lhe custa o sobressalto.

Admirado estava o Soldado em ouvir o Diabinho, e quanto mais ele lhe manifestava os seus poderes e as suas obras, mais o atemorizava a sua companhia, e desejava livrar-se dela.

Entretanto, subiu ao aposento onde estavam, uma empregada que havia na pousada chamada Angela Pedrosa; e por ter ouvido durante a manhã o Soldado

contar o seu dinheiro, vinha ter com ele como gato a bifes, confiada na sua boa cara. E disse ao Soldado que vinha saber o que queria se ele para a ceia; o qual lhe respondeu:

— Senhora Angélica (pois já sabia que ela assim se chamava), se há lombo de porco, mande assar um pedaço.

— Eu própria o assarei — disse ela — e o trarei a vossa mercê.

O Soldado, para não faltar ao galanteio, disse-lhe:

— Não errou quem lhe pôs o nome que tem, pois o valida com a sua gentileza.

— Prouvera a Deus, Senhor — respondeu Angela — que devesse eu menos à natureza, porque ela me tem desterrado da minha pátria e feito grandes males. Nasci na Arrifana de Souza, filha de lavradores honrados; e porque, estando uma noite a falar com um jovem, que me pretendia para esposa, outro que pretendia o mesmo, com ciúmes, tirou-lhe a vida. Forçoso foi-me

ter que fugir naquela mesma noite, com temor da justiça, e deixar os pais e a pátria; e para não cansar vossa mercê não lhe refiro os padecimentos que tive no caminho até chegar a esta pousada, onde há um ano que assisto a servir.

Com isto, deu uma grande risada o Diabinho, que até então tinha estado calado; e a dita Angela retorquiu-lhe:

— De que se ri vossa mercê, senhor fidalgo? (Pois era na figura de fidalgo que ela o via)

— De que vossa mercê — respondeu o Diabinho — nos conte essas patranhas, não sabendo que eu a conheço melhor que as minhas mãos. Vossa mercê é filha de um remendão que se chamava João Fernandez Pedroso, e, por causa dessa boa cara que a natureza lhe deu, foi amante de um abade, que pela sua fecundidade fez tal escândalo que, querendo o bispo do lugar evitá-lo, quis pôr vossa mercê na clausura do convento de Trena. E vossa mercê, para evitar este recolhimento, juntou-se a um soldado que vinha do Porto, a quem

serviu na jornada como companheira de cama e mesa, até chegar a esta pousada, onde ele deixou e fugiu para Lisboa. Pois, se isto é assim, como vossa mercê muito bem sabe, porque nos está a enganar, vendendo-se por quem não é? Pensa que mamamos no dedo e que não sabemos quantos são cinco?

Assombrada ficou Ângela ao ouvir a história verdadeira da boca do Diabinho e, fazendo-se muito vermelha de envergonhada, não soube outra coisa que responder a não ser:

— Ora, vossa mercê é o Diabo, pois tão bem sabe as vidas alheias.

— A brincar se dizem as verdades, replicou o Diabinho. Mas nem pelo que tenho dito, vossa mercê, senhora Ângela, deve-se zangar. Porque a graça desses olhos, a gentileza dessa cara e a disposição desse corpo são merecedores de que todos a aluguem. E por certo fazia boa ação o senhor soldado em levá-la na sua companhia até Lisboa, onde vossa mercê, pelo seu bom aspeto, poderá ter melhor ventura.

Bem entendeu o Soldado que os atributos de Angela e o conselho que o Diabinho lhe dava em a levar consigo eram armadilhas suas, dirigidas com o fim de ver se o podia inclinar ao pecado da luxúria através do trato e da comunicação com Angela. Mas ele, que tinha visto a visão do Inferno em sonhos e presenciado, acordado, as obras do Diabinho, tinha outros pensamentos, e, dissimulando o luciferino intento, dirigiu-se à Angela, dando-lhe cinco reais e dizendo-lhe que fosse dar ordens para fazer e mandar vir a ceia, que depois mais devagar falariam. Ao que ela logo obedeceu fazendo uma vénia até ao chão com esperança de conseguir aquele gancho.

O Diabinho ficou contentíssimo, parecendo-lhe que tinha cativado o Soldado com a boa figura de Angela e assim que ela se ausentou, disse-lhe:

— Ora já ficas esta noite com quem te entreter, que essa rapariga parece que te irá agradar muito.

— Estou tão sobressaltado — respondeu o Soldado

— depois do sonho em que vi o horror do Inferno, que todos os gostos e delícias da vida me aborrecem, por isso pouco tem ela que esperar de mim, mais as tuas persuasões.

— Não te tinha por tão ignorante — respondeu o Diabinho — que acreditasses em sonhos!

— Bem sei — respondeu o Soldado — que não é lícito acreditar neles, mas aqueles que representam o mal, para se temer e fugir dele, não são sonhos, são avisos do Céu. E se queres que sejamos amigos, não me hás de persuadir as coisas que sejam contra o meu criador.

— Companheiro — respondeu o Diabinho — eu não posso deixar, por mais teu amigo que seja, de usar da natureza que professo para armar armadilhas, em que caem os fracos e ignorantes. Vence-as tu com a tua prudência, que para fugir ao mal e seguir o bem fostes criado com livre arbítrio, e quanto mais venceres os estímulos das minhas tentações, terás maior merecimento.

— Confesso que assim é — replicou o Soldado — mas também é temeridade tecer semelhantes resistências da fraqueza humana, que quem não teme os perigos morre neles; pelo que te peço, companheiro, que enquanto o formos, tentes moderar comigo as tentações.

O Diabinho, ainda que dissimuladamente, disse que assim o faria e, parecendo-lhe que dos olhos de Angela não podia ele escapar, despediu-se do Soldado, dizendo-lhe que tinha certo negócio a fazer naquela noite. Mas, em vez de ir logo, ficou invisível na pousada, a preparar das suas.

CAPÍTULO 3

Subiu Angela, levando a ceia ao quarto do Soldado, com o seu sorriso na cara, saia e almilha (*) lavadas, e tão donairosa ia que parecia ir dizendo: “Comei-me, comei-me”, a quem fosse menos reservado que o Soldado; e quando entrou no quarto disse-lhe:

— Aqui tem vossa mercê a ceia, e a mim para o servir no que for do seu gosto.

[(*) peça de vestuário justa ao corpo e sem mangas.]

E, perguntando-lhe pelo companheiro, respondeu-lhe o Soldado que tinha ido para fora; que se recolhesse ela e deixasse ali a ceia, que noutra noite cearia com ela e lhe pagaria com igual vontade a que ela lhe mostrava,

mas que naquela noite não era possível por se sentir indisposto.

Angela, com grande mágoa do seu coração por ver malograr o trabalho do seu enfeite, saiu, dando ao Soldado o interior sentimento do seu desgosto com um olhar. E o Soldado, indo ela, fechou a porta do aposento e, depois de cear, lançou-se na cama.

Já o Soldado tinha dormido um breve sono e seriam perto das onze horas da noite, quando, depois de todos os hóspedes se terem recolhidos, Angela deitou-se na cama, lutando com a memória do desprezo do Soldado, julgando-o por este ter ofendido a sua gentileza. E isso molestava-a mais do que à mágoa da perda do gancho.

Estava Angela na cama, inquieta com essa consideração que lhe tirava o sono, quando ouviu uma voz que lhe disse muito mansamente:

— Dormes, Ângela?

E ela, imaginando que era o dono da pousada que às vezes costumava divertir-se com ela para fugir aos

enfados da sua mulher, respondeu:

— Não durmo, porque tive um acidente de que estou magoada, por isso peço a vossa mercê que se vá embora (que a revolta com que então lutava não lhe deixava gozar de nenhum prazer).

E a voz respondeu-lhe:

— Conheces-me, Angela?

— Quem poderá ser senão vossa mercê, meu amo, que me costuma fazer estes favores? Deixe-os, pela sua vida, para outra altura, em que eu possa agradecer-lhos, que hoje poderá acordar a minha senhora e haver nesta casa marradas sobre os seus ciúmes.

— Não sou quem pensas, Angela — respondeu a voz — mas aquele a quem esta noite fostes levar a ceia e te deixou vir sem recompensar a tua gentileza. É que depois de muito considerar, não pude sossegar sem vir buscar-te, para sossegar e recuperar o que perdi. Por isso venho pedir-te que venhas ao meu aposento.

— Vossa mercê é o soldado Peralta! — replicou Angela. — Quem havia de adivinhar tão grande bem! Recolha-se vossa mercê secretamente, que eu sigo-o.

Com isto se foi a voz, e Angela, pensando que era o Soldado, cingiu o mantéu,(*) e dirigiu-se ao seu aposento.

[(*) camisa de dormir feminina.]

Achando a porta cerrada, pondo-lhe a mão, esta abriu-se, e entrando dentro, por ter ainda a candeia acesa viu que o Soldado estava a dormir profundamente. Disso ficou muito admirada pois detivera-se pouco tempo a vir ter com ele, depois de ele a ter ido chamar. E, imaginando que o sono devia de ser fingido para ver o que ela fazia, sem dizer nada, tirou o mantéu e meteu-se na cama ao seu lado.

Esperando um pouco e vendo que ele não acordava e que o sono parecia verdadeiro, fingidamente começou

a tossir e a inquietar-se na cama. O movimento acordou o soldado Peralta e, admirado de a ver ali, disse-lhe:

— Que atrevimento é este, senhora Angela? Quem lhe deu confiança para vir aqui inquietar-me, abrindo a porta do quarto, que eu deixei fechada?

Pareceu à Angela que aquilo era encenação e graça e por isso, sem lhe responder, ria-se e chegava-se a ele. Porém, vendo que o Soldado, indignado, a descompunha e lançava-a a empurrões para fora da cama e do quarto, respondeu-lhe:

— Acalme-se vossa mercê, que a culpa de eu aqui estar é sua, pois foi-me chamar à minha cama, e eu, por lhe obedecer e dar gosto, vim cá ter. Mas se vossa mercê me foi buscar para me dar a ofensa deste desprezo, já me vou embora. Porém advirto-lhe que, ainda que seja mulher e com trabalho humilde nesta pousada, não falta quem me acuda pelos agravos que me fazem, pois não carece esta terra de estudantes alentados a quem pagam as mulheres para executar as

vinganças a quem as ofende.

Apercebeu-se então o Soldado, pelo que Angela lhe disse, que tudo fora obra do Diabinho para o tentar com o pecado da luxúria, e, acalmando-se com Angela, disse-lhe:

— Sossegue-se vossa mercê, que, pelo que entendi, nem eu nem vossa mercê temos culpa deste incidente, porque sem dúvida foi travessura do meu companheiro que é um grande mágico e se faz invisível sempre que quer. Foi ele que deve ter chamado vossa mercê em meu nome e abriu-lhe a porta do aposento que eu tinha fechado. Fez tal coisa porque ignora que num momento de grande perigo em que me vi na guerra, para que Deus me livrasse dele, fiz um voto aos Céus de castidade conjugal, e por esse respeito digo que nada posso fazer. Leve vossa mercê este par de cruzados para comprar umas meias e vá descansar na sua cama, para que não perigue, à vista da sua meiguice, a obrigação do meu voto; pois não se pode fiar nada na resistência da debilidade humana, e perante a arca

aberta até o justo peca.

Angela, então, fazendo uma grande vénia e dando ao Soldado grandes agradecimentos, tanto pelo donativo como pela satisfação de argumentos que ele lhe dava, foi-se menos queixosa do que satisfeita do que tinha ido buscar.

Acordado passou o Soldado o resto da noite, a pensar no perigo em que andava com tal companheiro e as armadilhas que este lhe armava para cair em pecado, por isso pedia de todo o coração ao nosso Senhor que lhe desse um meio para poder deixar tal companhia.

* * *

Amanheceu, e, acordando de um breve sono, viu que o Diabinho, com olhar muito melancólico, estava sentado à sua cabeceira; e ainda que o Soldado percebesse que tal tristeza se devia ao facto de ele não

ter caído na tentação que a Angela lhe ofereceu, dissimulou o que pensava e disse-lhe:

— Que tens, companheiro, que te vejo tão triste? Não te correu bem a partida com a freira a quem fostes falar?

— É verdade — respondeu o Diabinho — porque quando lhe apareci e lhe falei, foram tantos os verbuns, os sinais da cruz e os gritos a articular o sagrado nome, que não pude resistir e tive que fugir, precisamente quando se encheu-se o aposento de religiosas que estavam de vigia. Enfim, fui-me embora e ela ficou com um mortal desmaio do assombramento.

— É o que acontece — disse o Soldado — aos ignorantes que, cegos de apetite, metem-se-lhe na cabeça que hão de conseguir falar com os mortos. Mas mudemos de conversa porque o dia está bonito. Visto-me já num instante e daremos uma volta pela cidade. Depois iremos dormir a Montemor.

— Seja. Vamos embora! — respondeu o Diabinho.

E o Soldado vestiu-se, almoçou, agarrou no seu alforje, pagou a pousada e foi-se embora.

Chegaram à praça e, ouvindo o Soldado tocar a missa na Igreja de Santo Antão, disse ao seu familiar endiabrado que o esperasse ao pé da fonte, que ele voltava depressa.

— Faz o que quiseres — respondeu-lhe o infernalício amigo — que não quero em nada contrariar o teu gosto para que não penses que não sou teu amigo. O que de meu estiver à mão me há de servir para passar o tempo.

Entrou o Soldado no templo para ouvir missa, que ouvi-la todos os dias é ação de grande merecimento, e o Diabinho ficou à espera na fonte, aonde foram tantas as cizânias que meteu entre todas as pessoas que se aproximavam para tomar água, que não ficou nenhuma que não andasse às bofetadas e quebrasse os potes, discutindo, entre si, sobre quem havia de se servir primeiro, porque não pode haver paz onde o demónio se encontra.

Saiu o Soldado da igreja e, indo passear com o Diabinho, passou por eles um alcaide e o seu escrivão, que levavam preso um homem, o qual se ia a queixar que ia preso pelo que não devia e tinha pago, sendo um pobre hortelão, velho e com filhos. Ao que respondia o acusador, que vinha com eles, que sim devia, mas que não queria pagar.

Lastimado o Soldado de ouvir o preso, aproximou-se do alcaide e pediu-lhe que em cortesia lhe quisesse dizer a quantia que levava aquele homem a ser preso. Ao que o alcaide respondeu que por dois mil reis e cinco tostões da diligência.

— Se não é mais que isso — replicou Soldado — solte-o, que lhe darei o dinheiro.

Ao que acudiu o Diabinho, dizendo:

— Não faças isso!

E o Soldado respondeu-lhe:

— Não me destes a tua palavra de que não me havias

de impedir as boas ações que eu quisesse fazer?

— Sim, dei — disse o Diabinho — mas esta, sem tu gastares dinheiro, quero-a eu fazer por amor a ti.

E virando-se para o acusador, disse-lhe:

— Não sei, Senhor, como tendes tão pouca consciência, que mandes prender este pobre homem pelo que ele já vos pagou!

E como o acusador replicou que tal não era verdade, o Diabinho prosseguiu, dizendo:

— Não vos lembra que tal dia vos deu dezasseis tostões, uma pataca e quatro vinténs, com que prefaziam os dois mil reis que vos devia, e vós lhe destes, por sinal, nas costas de uma carta, quitação da dívida? Pois, se isto é assim, como quereis agora voltar a cobrar deste homem?

Como as palavras que o Diabinho dava pareciam ser tão certas, não soube o credor outra resposta que dar, a não ser dizer:

— Senhores, se isso é verdade, levem-me todos os diabos!

Ao que o Diabinho, muito contente, lhe respondeu que no seu devido tempo se lhe pediria cumprimento daquelas palavras. Depois rogou ao alcaide que esperasse ali, enquanto ele ia num santo amém buscar a quitação, que o seu companheiro o serviria. Com esta promessa o alcaide facilmente acedeu, e o Soldado bem entendeu que a armadilha daquela obra do Diabinho fora só dirigido à tentação em que o credor tinha caído, dando-se falsamente a todos os diabos. E esse, assim que o Diabinho partiu a buscar a quitação, considerando que quem tão verdadeiros sinais dava não podia deixar de a trazer e por julgar que ficaria em maus lençóis com a vista da quitação, disse rapidamente ao alcaide que soltasse o preso, pois ele já não queria nada dele.

— Isso é, — disse o escrivão — mouro que não podes ter assim!

E, pondo-se a escrever, prosseguiu que em vista

aquela desistência tinha de ser registada uma diligência por termo que ele, credor, havia de assinar, ao qual o próprio replicou dizendo que a lançasse fora.

Feita a diligência, pediram o escrivão e o alcaide ao Soldado a paga dela, ao que ele lhes respondeu que a graça que as suas mercês fizeram em deter tão injusta execução pagaria ele, mas que a diligência dela pagasse o acusador, pela pena de ter pedido o que não lhe devia, como se confirmaria com a quitação que o seu companheiro tinha ido buscar.

Concordaram com isso o escrivão e o alcaide, e assim disseram ao credor, por levarem dinheiro de ambas as partes:

— Este fidalgo tem muita razão. Vossa mercê pague e vá-se embora depressa, porque, se chegar a quitação, havemos de levar vossa mercê com ela à casa do juiz e há de ser condenado pelo dobro do que pedia.

— Mesmo que… — respondeu o credor — a quitação seja falsa?

Contudo, temeroso da ameaça, chamou de parte o escrivão e o alcaide, untou o carro, andaram as rodas e foi-se embora num piscar de olhar.

Depois de ele ter ido, deu o Soldado um cruzado para doces aos dois ladrões públicos, com que também se despediram muito contentes, e ficou o preso com o Soldado, a dar-lhe os devidos agradecimentos do bem que ele lhe fizera.

Nessa altura, chegou o Diabinho da mão Furada com a quitação e mostrou sentir-se frustrado por já se ter ausentado o credor e a justiça porque determinava fazer no negócio uma embrulhada das suas, que nunca o diabo faz bem a nenhuma pessoa que não seja para dela tirar males e assim o deve advertir todo o fiel cristão, para não se fiar nos seus enganos.

O pobre preso, desejoso de gratificar o benefício, dando-lhe o Diabinho a quitação, pediu-lhes muito que fossem almoçar à sua casa uma franga gorda que tinha a sua mulher. O Soldado e o Diabinho agradeceram-lhe a boa vontade, mas não aceitaram a oferta e o preso

despediu-se deles, dando-lhe infinitas graças pelo bem que lhe fizeram, que atribuía a ser uma benesse do Céu.

Ido o preso, viu o Soldado sair da igreja de Santo Antão quatro beatas com os suas saias largas, tocados, e rosários nas mãos, as caras torpes, macilentas e fracas, com os olhos pregados no chão, passando uma imagem de serem grandes devotas. E, admirado da modéstia que ostentavam, perguntou o Soldado ao Diabinho quem eram, ao que ele lhe respondeu que eram aquelas quatro bruxas que vira entrar pela janela da casa aonde ele estivera e que com aquela aparência de virtuosas enganavam o mundo e desmentiam as suas maldades, pois tais eram os enganos da vida.

Admirado ficou o Soldado de tal ouvir e logo quis ir dar conta do caso ao Santo Ofício(*) mas, temendo o Diabinho, reservou-o para melhor ocasião.

[(*) A Inquisição]

* * *

Já iam a caminho de Montemor, quando o Diabinho viu estar numa taberna alguém a jogar aos dados e para fazer das suas disse ao Soldado que entrasse e jogasse quatro paradas, que poderia ser que ganhasse para o gasto do caminho. O Soldado recusou, dizendo que era tarde para se deterem mais, mas o Diabinho replicou-lhe que era rápido. E assim, para não o desgostar, entrou na casa de jogo, onde todos os adversários que lançavam calhava-lhes azares, e ele às jogadas que lançava calhava sorte, porque parecia que o Diabinho, invisivelmente, lançava os dados.

Os que perdiam davam a culpa ao azar e ao diabo e outros juravam e blasfemavam, e o Diabinho estava como se tivesse a banhar-se em água de rosas em os ouvir; mas o Soldado, fazendo escrúpulos por ganhar com tanta vantagem e por ouvir tantos juramentos,

entendeu que era o Diabinho que o fazia ganhar. Contentou-se com seis mil reis e, esquivando-se ao olhar de tantos mirones, saiu discretamente pela porta fora.

Retomaram a jornada e em breve espaço, sem saber como e sem parar no caminho, achou-se depressa o Soldado com o seu companheiro no centro de Montemor, onde tomaram pousada naquela noite.

E, depois do Soldado cear e de se deitar na cama, começou o Diabinho a fazer das suas, e armou tais disputas entre o estalajadeiro e a estalajadeira, que se fendia a casa. O motivo delas foi o estalajadeiro dizer à sua mulher que fizera as postas de carne grandes e que medira o vinho sem o rebatizar; ao que ela lhe respondia em segredo:

— Pois, traidor, não bastava que a carne de que fiz as postas não fosse de carneiro, bode, nem vaca, nem porco, cabra nem ovelha e que te não custasse nenhum dinheiro, senão ainda as havias de fazer menos da marca? Não bastava que tivesses já feito cristão o

vinho, para que eu não o rebatizasse?

— Pois, infame — respondia o marido — se havias de ser tão escrupulosa, fazias-te ermitã e não estalajadeira!

Sobre estes dares e tomares, em que lutando as comadres se descobrem as verdades, houve tal gritaria, que, se não acudissem os hóspedes a apaziguar a disputa, sem dúvida que a estalajadeira, que era teimosa, pagava o seu escrúpulo com a vida, porque o Diabinho tinha enfurecido o marido de tal maneira que não reparava nada em lhe tirar a vida.

Mas o Diabinho não se contentou só com a referida revolta e sendo já grande parte da noite passada e estando todos quietos a descansar, foi à estrebaria e inquietou de tal maneira os cavalos das carruagens, que estes as desfizeram todas em pedaços com coices e com tal estrondo que parecia que se vinha a casa abaixo. Acudiram os almocreves, cada um às sua, e disseram logo que os cavalos dos outros é que tinham a culpa, porque se soltaram para irem comer a cevada

dos outros e que os seus donos só por este efeito os tinham deixado mal presos. Com os outros, em grandes juramentos, a negarem o facto, atribuindo-o aos que lhes imputavam a culpa, houve tal baralhada, que tiveram quase para se matarem todos às facadas, caso não gritasse o estalajadeiro "aqui d'el-rei!" e não acudisse rapidamente a justiça, que andava de ronda, e os metesse em paz.

Sossegado o ruído, que o Soldado ouviu por estar acordado e a que não acudiu como soldado por entender que era obra do seu companheiro, estando já para amanhecer, entrou o Diabinho no aposento do seu amigo e disse-lhe:

— Veste-te, companheiro, rapidamente, e vamos daqui, que esta gente está de má catadura; não te suceda com eles alguma coisa.

Vestiu-se o Soldado e, querendo perguntar pelo estalajadeiro para lhe pagar, disse-lhe o Diabinho que não o fizesse, porque o estalajadeiro era o maior pirata do mundo, e como quem furta a um ladrão ganhava

cem anos de perdão, deviam sair logo dali, que ele lhe abriria a porta secretamente. Assim saíram sem serem notados, muito contra a vontade do Soldado, e foram-se embora.

* * *

Quando a manhã rompia, tinham já passado o rio de Montemor e, como o Soldado vinha com falta de sono por o perdido com a inquietação da noite passada, pediu ao Diabinho o deixasse recuperar um bocado ao som da corrente de tão famoso rio. O Diabinho conveio de boa vontade, e, enquanto o Soldado dormiu um breve sono, deu ele uma volta por alguns moinhos, a induzir os moleiros que duplicassem as maquias.(*)

[(*) Maquia era a porção, previamente estipulada, que os moleiros guardavam para si daquilo que os outros lhes davam para ele moer. Era pois uma forma de lhe pagar o trabalho.]

Já era mais de uma hora de sol, quando, acordando o nosso Soldado e vendo junto de si ao seu familiar endiabrado, lhe disse:

— Que belo rio é este e que cercado de árvores e pomares está!

E o Diabinho respondeu-lhe:

— Ora, já que ele tão bem te parece, quero-te mostrar nele, usando-o como um espelho, o mais famoso edifício que vistes e hás de ver na tua vida, desde o Norte ao Sul do mundo, porque com a sua grandeza ultrapassa o trabalho da Torre de Babel que atalhou a confusão das línguas. As pirâmides do Egipto, o Colosso de Rodes, o artifício de Corinto são imperfeitas sombras comparadas com a sua maravilhosa arquitetura, porque as colunas são de alabastro, os frisos e capitéis de finíssimo jaspe, as torres de diamantes e as portas de cheiroso cedro, chapeadas de ouro. Este divide-se em sete quartos,

cada um com uma só porta, por onde se entra através de uma espaçosa praça ou pátio, onde têm as suas entradas todos os sete quartos e cujas paredes têm a virtude para deixar caber tudo quanto há dentro deles, que é a maior maravilha.

— E quem foi o seu arquiteto? — perguntou o nosso Soldado.

E o Diabinho respondeu que o maior príncipe das Trevas, senhor de infinitas riquezas, porque só ele podia dar fim a tão custosa obra, para agasalho dos que o seguem, que ele com generosidade suborna e lisonjeia.

— E porque sei do quanto te hás de admirar em ver tal edifício, não to quero descrever, prefiro mostrar-to.

— Muito agradecido! — disse o Soldado.

E o Diabinho prosseguiu:

— Pois, põe os olhos nas águas desse rio.

Assim fez o Soldado, e logo nele lhe pareceu que via

um sumptuosíssimo palácio, cuja fachada de mármores e jaspes podia ser considerado a oitava maravilha do mundo; E de tão admirado que estava, disse o Soldado ao Diabinho:

— Com razão me gabaste tanto a arquitetura de tão soberano edifício. Mas que palácio é este?

— Não vês — respondeu o Diabinho — umas letras de ouro que estão por cima do friso da porta?

— Sim vejo — disse o Soldado.

— Pois elas to dirão — replicou o Diabinho.

O Soldado leu-as e viu que continham o seguinte:

"Mandou o rei Infernal, construir este edifício,

Para morada dos vícios e noviciado do Inferno."

— Destas palavras — disse o Diabo — podes inferir de que serve ao senhor Lúcifer tão sumptuoso palácio,

e, para melhor o perceberes, repara no que te vai aparecer.

E o Soldado, fitando os olhos, viu que pelo famoso portão entravam para um espaçoso pátio um infinito número de gentes de todo o estado e género, e que nele se dividiam em grupos para entrar por diferentes portas que estavam no mesmo pátio.

À entrada da primeira porta, que estava no lado direito do pátio, viu que estavam alguns sujeitos, com os rostos a revelar tanta arrogância, que só por decoro ao lugar em que estavam não se matavam uns aos outros sobre a preferência da entrada. Depois de entrados, viu o Soldado que pararam num aposento ricamente decorado, no meio do qual estava um trono de vidro, e sobre ele sentado estava uma dama ricamente vestida e com asas unidas aos seus ombros, e aos seus pés, ajoelhada, estaca uma formosa donzela, pobremente vestida, a quem a dama estava a desprezar e a bater-lhe com grande ira. E por mais que a donzela humilhada lhe pedisse que não o fizesse ela, fazendo-se

surda ao seu rogo, dizia:

“Não me venhas fazer guerra!

De ti à minha presença

Há tão grande diferença

Como do céu à terra.

Para te fugir solicito

As asas de que me esmalto,

Com que talvez de mais alto

Me despenho e precipito.

A estas palavras replicava com grande submissão a mal vestida, na seguinte forma:

“Vou-me, pois nada vale

O meu rogo. Mas ai de ti,

Que ao te afastares de mim

Deixas o teu bem pelo teu mal!

E assim, aviso-te, digo

Que o teu trono de cristal

De pedra tão fatal,

Feito em pedaços, será castigo.

As asas, com que te ensaias

A encobrir o teu presumir,

Servem só para subir

Aonde de mais alto irás cair”

Com isto saiu do aposento a tão formosa dama humildemente vestida e a entronizada ocupou-se em

fazer grandes carícias aos seus novos lacaios e em lhe mandar fazer soberanos aposentos dignos da sua altivez.

O Soldado estava muito confuso, sem saber dar sentido ao enigma daquela cena e das figuras dela e, para se livrar desta dúvida em que estava, pediu ao Diabinho que lhe explicasse. Ele respondeu-lhe que a dama que estava colocada, com asas, sobre o trono de vidro era a Soberba, o primeiro pecado dos sete mortais, que mais gente trazia aos primeiros círculos do Inferno, e que as asas que trazia nos ombros pegadas, a quem fiava o voo da sua altiva presunção, eram as que, derretidas, despenhavam da maior altura a que aspirava, e que por este respeito estava colocada sobre aquele trono de cristalino vidro, exposto a qualquer golpe; e que aquela tão pobre como formosa donzela que lhe estava a rogar que não voasse alto era a Humildade, a sua antípoda; e que os inúmeros arrogantes que a serviam eram os soberbos, seus lacaios, que pelo seus modos vinham a acabar a vida

nesse noviciado do Inferno, aonde tinham de professar para sempre, enganados com as delícias que no dito noviciado lhes ofereciam, porque nele não costuma Lucifer atemorizar com asperezas, mas lisonjear com regalos, ao contrário dos santos noviciados, em que com eles se examina e purifica a virtude, merecedora da divina profissão.

— Ora digo — respondeu o Soldado — que bem parece que não perdestes com a queda a sabedoria de anjo, pois tão artificiosamente sabes manifestar a essência das coisas! Agora, admiro a propriedade das figuras e entendendo o equívoco dos epigramas delas, mas também me desconsola muito o desacerto de tão cega e enganada gente.

Por diante quis passar o Soldado este assunto senão lhe tivesse roubado o sentido da vista a imagem de gente que entrava pela porta do segundo quarto. Era gente muito recatada e com o olho sobre o ombro, vigiando se vinha alguém exigir-lhe alguma coisa, porque dos pobres que vinham a segui-los a pedir

esmola não faziam caso e, para se livrarem deles, entravam muito depressa e fechavam a porta. Depois, por um corredor descoberto, viu o Soldado que paravam numa divisão ricamente entapizada e guarnecida de inestimáveis peças, e aos cantos das ditas casas muitos sacos de dinheiro em ouro e prata, por ser infernal erário de tão maldita gente. No meio do aposento estava um trono e sobre ele uma dama mais ricamente vestida que formosa, com mais olhos que Argos,(*) vigiando as riquezas da sala, cujas chaves só confiava a si própria, pelo que umas tinha nas mãos, muito apertadas, e outras pendentes a um cordão de seda e ouro que lhe descia da cintura.

[(*) Da mitologia grega, Argos Panoptes era um gigante com cem olhos. Servo fiel de Hera, é incumbido pela deusa de tomar conta de Io, uma princesa e amante de Zeus transformada em novilha. Argos enquando dormia, mantinha 50 de seus olhos despertos. Para libertar Io a mando de Zeus, meteu-o a dormir profundamente e em seguida cortou-lhe a cabeça. Hera o homenageou transformando-o em pavão — sua ave sagrada -, em cuja cauda pôs seus cem olhos.]

Esta mulher fazia grandes carícias aos que tinham entrado a reverenciá-la. Esta, vendo-lhes o gosto da contemplação daquelas riquezas, advertiu-lhes que os gastos seriam muito limitados:

"…porque na liberalidade

Do gastar e despender

Pode-se vir a fazer

Inconsciente prodigalidade.

E assim, por imprudência, é mal

O gastar-se sem medida,

Que às vezes sobra a vida

E falece o cabedal." *(dinheiro, riqueza)*

Muito contentes com o referido, contentaram-se todos. O Soldado é que não conseguia perceber que gente era aquela por mais que procurasse explicação e por isso perguntou ao seu companheiro o qual lhe respondeu que os que tinham entrado eram os avarentos, que idolatravam o dinheiro e riquezas que possuíam, sem delas dar nada aos pobres nem fazer bem aos seus próximos, e que assim pelo caminho da inumanidade de tal vício, vinham fazer noviciado para o Inferno, porque não tinham ainda visto o castigo que cabe ao rico avarento e a todos os que o imitam, pois se o vissem, não deixavam entrar por um ouvido e sair pelo outro as advertências que lhes fizeram em vida e não iram tão apressados e contentes idolatrar quem os engana, pois a senhora da casa era a Avareza, o segundo pecado dos sete.

— Agora digo — replicou o Soldado — que te mostras meu amigo, pois com tanta evidência me estás a mostrar os perigos de que me devo guardar, em que tanta e tão cega gente cai.

— Não estejas tão confiado — disse-lhe o Diabinho — que no fim é que se canta "la glória". Repara agora na terceira visão que se aparece.

Assim o fez o Soldado e, pondo os olhos na porta do terceiro quarto, viu que tentavam entrar por ela, com grande fúria e aos empurrões, um grande número de pessoas jovens e algumas velhas. A entrada do quarto, no entanto, estava a ser barrada por uma formosíssima dama, que lhes dizia:

“Doidos! Porquê deixais

O bem que o Céu vos ordena

E ides buscar a vossa pena

Na vil glória que buscais?”

Mas eles, sem terem respeito a tão divina beleza, assim que se livravam das suas instâncias, entravam depressa. Mas por entre os que entravam, vinham a

sair outros, muito fracos, pálidos, melancólicos, e descorados.

Seguindo o Soldado com os olhos os que tinham entrado, viu que paravam numa sala muito bem decorada, cuja porta estava aberta de par em par, e nela estava uma dama que, pela forma, servia de porteira, com uma mão sobre a outra, sem dizer palavra nem dizer nada a ninguém, por mais gente que entrasse e a empurrasse.

Na mesma câmara viu que estava sobre um trono todo alcatifado e semeado de flores outra dama, mais engraçada que formosa, com tão decotado vestido e curta anágua,(*) que pelo decotado fazia meias costas patentes e juntava os peitos; e pela anágua curta não era necessário deslinde para se verem os listões dos sapatos.

[(*) anágua, era um tipo de saia que deveria cobrir os pés, arrastando-se pelo chão.]

Esta era a senhora da casa, a quem todos os que entravam faziam grandes submissões, e ela recebia-os com grande benevolência e deliciosas carícias, em especial aos velhos, a quem dizia:

"Vós outros que nessa idade

Me buscais, muito vos devo

E bem é que na minha casa

Tenhais o lugar primeiro."

Ditas estas palavras, reparou que entre as pessoas jovens iam algumas pessoas que não o eram mas que tentavam parecer jovens com artificiosas tintas que convertiam em azeviche o branco dos seus cabelos, desmentindo os anos da sua idade. A estes, chamando-os, a dama do trono, disse-lhe assim:

— Senhores velhos gaiteiros; desocupem vossas mercês depressa este quarto, porque não quero nele fruta verde, sendo tão madura. Aqueles que admito nele de semelhante género é só aqueles que na aparência manifestem sem mentira o que dela se pode esperar. Podem vossas mercês passar-se para outro quarto do engano, que lá acharam abrigo.

Os desmentidos velhos e velhas replicaram:

— Não gozam, excelentíssima Senhora, aqueles que têm larga idade, a não ser trabalhos e de desgostos.

— Não me meto a averiguar essas questões — disse a dama — que, para serem expulsos desta casa, basta o crime da transfiguração. A não ser que queiram arranjar lugar entre os velhos, que admito, e não entre os jovens, como queriam. E sofram o que vos digo:

“Que da autoridade zomba

E de si mesmo escarnece

Todo o que corvo amanhece,

Tendo anoitecido a pomba.

Que se tão tontos enganos

Não reedificam o ser,

De que proveito é fazer

Parecer menos os anos?"

E com esta ordem foram saindo do quarto os expulsos.

O Soldado, admirado, perguntou ao Diabinho que gente era aquela, que em tanta quantidade entrava aos empurrões naquele quarto e que dele saía tão macilento e fraco, e quem era a formosa dama que defendia em vão a porta aos que entravam sem ter respeito a tão divina beleza, e quem era a que do lado de dentro servia de remissa porteira, e a que estava no

trono por ser senhora da casa, porque todas aquelas imagens o tinham posto atónito e fora de si com tão admirável cenário.

O Diabinho respondeu-lhe que os que entravam aos empurrões, tão cegos e desatinados, eram os incontinentes que, estimulados por lascivos apetites, iam atrás deles como gato a bifes, e que a formosa dama que lhe tentava impedir a entrada e a quem não tinham respeito nenhum era a Virtude, de quem fugiam à rédea solta; e os que vinham saindo por entre os que entravam, fracos e macilentos, eram os que tinham consumido a vida e a saúde no exercício e se passavam para o hospital daquele infernalíssimo noviciado a solicitar saúde para voltarem aos seus desenfreados apetites sem arrependimento dos erros passados; e que a dama que remissamente servia de porteira era a Ociosidade, causa e motivo de todos os vícios; e a do trono, a senhora da casa, a cujo cargo estava o abrigo dos que a professavam e vinham fazer noviciado no seu quarto para o Inferno, era a Luxúria,

terceiro pecado dos sete mortais.

— Admirado estou — disse o Soldado — do desatino de tal gente e do seu significado, que agora entendo e antes ignorava, confundido com a sua delicadeza.

— Repara — replicou o Diabinho — na cena que se segue no seguinte quarto.

E aplicando-se o Soldado, viu que pela porta dele entravam alguns sujeitos tão arrogantes e com tal ar de valentões, que até pareciam linces que com os olhos matavam, pois com eles metiam medo aos que os viam; e sobre a preferência de qual devia entrar primeiro pela porta estiveram a ponto de se matarem uns aos outros às estocadas. Nesta refrega chegaram a uma sala onde, sobre um trono de ferro e aço, estava colocada uma mulher torpíssima, vomitando fogo pela boca e expelindo raios pelos olhos, a qual, depois de deixar um pouco prosseguir a disputa, mandou aquietar os prevaricadores, falando-lhes nesta forma:

"Vós que com rigorosidade

A minha influência exerceis,

Aqui em prémio lograreis

Do meu favor a equidade

Pois com indignações,

Apesar do entendimento,

Ao primeiro movimento

Executais as paixões."

Assim lhes disse e todos a reverenciaram e foram-se acomodando nos seus lugares, para neles fazerem seus noviciados.

O Soldado, para se inteirar do que significava aquela cena, pediu ao Diabinho que lha explicasse, e ele respondeu-lhe que a mulher que estava colocada sobre aquele trono de ferro e aço, sinal das suas armas, era a

Ira, o quarto pecado dos sete mortais e a mais inexorável fúria do Inferno; e que tal Ser tinha uma irmã divina que estava no Céu, que era a Ira do Todo Poderoso que, quando estava ofendido pelos pecados sem arrependimento, castigava o mundo; e que, por serem irmãs no nome, era tão justa uma como injusta a outra e sempre estavam em perpétua contenda: a do Céu, porque a do Inferno provoca-a com as maldades que influi nos homens, e a do Inferno pelo sentimento que lhe fica quando vê que, estando eles arrependidos, transforma-se a do Céu em misericórdia.

— Os que vistes entrar, arrogantes, são os lacaios do Inferno, que obstinados nas suas perversidades, vem fazer este noviciado.

Desgostoso o Soldado pela cegueira de tal gente, disse ao seu companheiro infernal:

— Maldita seja a vossa soberba e a vossa ingratidão, quem me dera que elas estivessem sepultadas nos abismos infernais, não tendo nunca saído de lá. Não teriam ido enganar Eva, por ódio e vingança, para

fazer pecar o seu consorte Adão, os nossos primeiros pais, em cuja culpa incorre agora o género humano, tendo assim perdido a inocência, e ficado sujeito às misérias destas cenas.

Perante isso, respondeu o Diabinho:

— Não nos arrependemos nem havemos de não nos arrepender eternamente; mas, deixando este argumento, para que não te fique nada por ver deste noviciado, repara ao que se te apresenta no quinto postigo.

E, aplicando os olhos, viu que entravam por ele vários homens carregados de mantimentos, tão sôfregos como esfomeados e vinham comendo às mãos cheias o que traziam; depois pararam num aposento rodeado de mesas, ao estilo de refeitório, todas cheias de diversas e deliciosas iguarias, e na cabeceira delas uma mulher sentada, comendo sem descansar, tão sofregamente que tudo lhe parecia pouco e não cessava de mandar vir mais e mais iguarias. Esta, com um bocado de carne na boca, não cessando de comer, disse

aos que entravam que não fizessem cerimónia pois eram seus confrades. Que se sentassem e se servissem, porque:

"Quem por comer e beber

Faz na vida estimação,

Não come para viver

Mas vive para comer,

Como epicúrio glutão."

— E que vos pareça que sóis como outros meus lacaios que aqui fizeram também o seu noviciado, uns que enquanto viveram foram reis e imperadores, como Heliogábalo, Sardanapalo, e outros.

Isto dizia a senhora da casa aos novos lacaios, sem nunca deixar de comer, e eles, por não despejarem a boca, comiam e calavam como se estivessem doentes

de fome canina.

Ainda que o Soldado adivinhasse a imagem daquela cena, não deixou de pedir ao Diabinho que lha explicasse, porque o fazia com grande subtileza; ao que ele satisfez, dizendo que a senhora daquele quarto era a Gula, o quinto pecado dos mortais e que trazia infinita gente ao noviciado dela para depois levar ao Inferno; e que os que lhe assistiam eram os glutões epicúrios, os seus lacaios, que não ocupavam a vida em mais nada a não ser comer e beber e que não jejuavam nem um só dia, se os serrassem pelo meio, antepondo às obrigações de cristão os vícios da glutonaria.

Abominando estava o Soldado de tão bruto desacerto, quando pelo postigo do sexto corredor viu que entravam muitos homens queixosos da sua desgraça e murmurando contra os venturosos, até chegarem à câmara onde estava colocada uma mulher extremamente furiosa, comendo-se a si mesmo de raiva de não poder conseguir o que o seu insaciável desejo se cumprisse. Eles chamavam-na dizendo que vinham ali

acabar de passar a vida, porque não podiam ver tantas grandezas nem sofrer tantas gentilezas e felicidades alheias. Então ela disse-lhes este epigrama:

“O mal que por mim sentis

Muito devo agradecer,

Pois a ninguém sofreis ver

Bem que vós não possuis.”

Das palavras do referido epigrama percebeu o Soldado que a figura que as tinha pronunciado era a Inveja, o sexto pecado mortal, que, por ser tão abominável, até podia ser o primeiro, se o da Soberba não se tivesse antecipado, por isso não perguntou nada ao Diabinho, ocupando-se só em discursar sobre brutalidade de tal pecado e quão merecedora era a gente que nela caía em semelhante noviciado.

Nisto contemplava o Soldado, quando, desaparecida

a sexta cena, viu que pela porta do sétimo corredor vinham a entrar muitos homens e mulheres, muito devagar, pé ante pé e parando-se aqui e ali com grande sonolência, até que, depois de largo espaço, entrando todos, pararam num quarto toscamente adereçado, com todos os seus apetrechos sujos e fora do seus lugares, e no meio dele estava levantado um desalinhado trono, sobre o qual estava lançada, recostada, uma mulher, dormindo a bom dormir, sem sentir o barulho das poucas vozes dos que tinham entrado porque também o sono lhes impedia as conversas a repetência das palavras. Mas como era preciso avisá-la que tinham chegado ao seu domínio para ser seus lacaios e para ela lhes dar abrigo, chamaram-na tantas vezes até que a sonolenta senhora, levantando a cabeça, depois de se espreguiçar um pouco e dar quatro bocejos, abrindo os olhos, reparou nos circunstantes, a quem logo mandou dar agasalho, comida e bebida, dizendo-lhes, mal desperta, como que se estivesse a sonhar:

“Comei e dormi, Senhores,

Sem preocupação e com descanso,

Porque o comer e o dormir

É na vida o maior regalo.

Com cebo destas delícias

De preguiçosos enganos

Isco eu os meus anzóis,

Com que pesco tantos barbos.”

Apenas a encarnada dama, mal desperta, acabou de pronunciar estas palavras, ficou outra vez a dormir, como se não tivesse acordado, e o Soldado disse ao Diabinho que não entendia bem as figuras daquela visão e que, assim, estimaria que ele lhas explicasse, ao que o Diabinho satisfez, dizendo que a mulher que estava a dormir na cama era a Preguiça, o sétimo

pecado mortal, e a que mais gente trazia aos noviciados do Inferno:

— ... porque aqueles que ali vês com bigodinhos levantados ao ferro bruto, peripatéticos, andam toda a noite desvelados de poiso em poiso e de pura preguiça não se levantam senão ao meio dia. E quando chega a hora da obrigação de missa, cumprem-na em irem a horas que em esta já acabou e põem-se a passear às portas das igrejas, feitos sentinelas das damas que saem com os seus rosários nas mãos. Rosários que trazem mais por galas do que para rezar, diga-se de passagem.

Os que ali estavam a dormir, mais robustos de aspeto, eram os oficiais e trabalhadores que, por lhe dar o vício da preguiça, tinham deixado de ganhar o sustento com o suor do seu rosto, como diz o divino mandato, e, para se sustentarem com menos trabalho, fizeram-se piratas das estradas e ladrões das cortes.

— ... e por isso dormem tão descansados neste noviciado, não temendo as forcas que os ameaçam. As mulheres que entre eles vês eram muito sisudas e

ganhavam antes o seu sustento pelas suas mãos, mas, aficionadas da preguiça, atropelaram o justo procedimento e procuravam ganhar o pão sem trabalho, lascivamente na cama. Olha como com razão tem Lucifer a Preguiça por regalada senhora deste noviciado do Inferno, pois lhe traz tanta gente a ele.

— Assim é — respondeu o Soldado.

E, porque estava já lastimado e enfadado de ver tantas cenas de torpezas e misérias humanas, disse ao Diabinho que não queria ver mais e que seguissem o seu caminho.

— Seja. Vamos embora — respondeu o familiar endiabrado — mas deixa passar o rio aquele frade que acolá vem a cavalo com os alforges recheados de coisas em que tenho parte, que quero que te aproveites delas.

— Eu dispenso-o — respondeu o Soldado — que nos meus alforges já levo bastante provimento.

— Não quero — replicou o Diabinho — perder o proveito da ocasião, porque o de Deus a Deus e o de

César a César.

E com esta conversa, estando o religioso a passar a ponte do rio, espantou-se a mula em que vinha sentado. E tal maneira e com tantos coices que foi o frade cair na terra enquanto a mula fugia, com o Diabinho a correr atrás dela.

O Soldado acudiu ao frade e foi-lhe buscar água ao rio para beber. Depois perguntou-lhe se tinha algum dano, a que o outro respondeu que não, porque, como vira a mula tão desinquieta, resolveu-se, ele mesmo, lançar-se dela abaixo o melhor que pôde. Dizia que a mula devia ter visto o diabo, que a provocou àquela fúria, porque ela era mansíssima e nunca tinha feito tal coisa; e que aquilo devia ser pena por ele não ter dito à missa naquele dia por ter madrugado para a jornada. Porém, tal não tornaria a acontecer na sua vida, já que Deus lhe fizera a mercê de o livrar de tamanho perigo, porque a missa não fazia perder tempo e era o verdadeiro norte de toda a viagem.

Ao que respondeu o Soldado:

— Vossa Paternidade fala com razão, e tenha por certo que o diabo lhe espantou a mula por não ter celebrado a missa, pois ele não perde ocasião em que possa molestar os servos de Deus.

Nesse momento chegou o Diabinho com a mula pela rédea e deu-a ao religioso dizendo-lhe que com os coices que ela foi dando caíra-lhe do alforge algumas coisas que ele não pudera apanhar, para não perder a mula de vista, e que a fora apanhar lá muito longe.

— Já lhe agradeço — respondeu o religioso — o trabalho de ir apanhar a mula. O que caiu do alforge não importa nada.

E, fazendo o sinal da cruz para se montar na mula, tendo-lhe o Soldado a mão no estribo, o Diabinho desapareceu e o frade foi-se embora.

Ausente o frade, voltou o Diabinho que disse ao Soldado que se aproveitasse de um pedaço de presunto e de uns poucos de doces do alforge do religioso. E o Soldado respondeu-lhe que agradecia a oferta, mas que

não queira aproveitar-se daquilo que o religioso tinha trazido para passar o caminho.

— Eu — replicou o Diabinho — não tomei nada ao frade. O que tomei era meu, por mo terem dado a mim primeiro.

— E como pode isso ser? — perguntou o Soldado.

— Hás de saber — disse o Diabinho — que este presunto e estes doces, deu-lhes uma certa confessada sua; e, vendo que o presunto era duro e que não se acabava de cozer, disse: “Dou ao diabo tal presunto! Como é duro!” E o mesmo aconteceu com os doces, porque, tardando o moço que os foi comprar, disse, muito agastada: “Leve-te o diabo a ti mais aos doces!”. Assim apenas tomei o que me tinham dado, e não fiz ofensa a ninguém, que eu não sou homem de comprimentos e logo lanço a mão pela palavra a seu tempo, quando disso vejo ocasião.

Não teve o Soldado resposta àquelas palavras. Apenas pode considerar, à vista daquele exemplo, o

quanto erra quem inconscientemente dá coisas ao diabo, algo de que todo o cristão deve evitar.

CAPÍTULO 4

Puseram-se a caminho os dois companheiros para as Vendas Novas. O Soldado ia pensando no meio que usaria para se afastar de tal companhia sem perigo de algum dano, pois desagrava-o as perversidades que a cada passo via executar. Já o Diabinho ia fulminando maldades para repetir.

Passaram pela Silveira e numa taberna, onde o Soldado, ao querer tomar ali uma refeição, viu que a justiça de Montemaior estava a preender um estalajadeiro por um grande furto que ali se fizera, no qual ele fora declarado culpado.

Assim que o Diabinho viu isto, chamou o Soldado à parte e disse-lhe que fosse tomar uma refeição noutro sítio e que iria ter com ele depois às Vendas Novas, porque decidira livrar aquele homem da prisão em que

estava, por agradecimento das maldades que ele executara e havia de executar enquanto vivesse, e que por isso convinha ao serviço de Lucifer dilatar-lhe a hora em que ele iria parar à forca, pelo menos mais algum tempo.

O Soldado fez o que o Diabinho lhe ordenou e, assim que a justiça saiu com o preso da pousada, o Diabinho fez levantar um remoinho de vento e poeira tão grande, que se não viam uns aos outros. Os cavalos, espantados, correram à rédea solta, sem obedecer a quem ia neles. Com esta revolta ficou o preso sem gente que o segurasse e o Diabinho, desatando-lhe as mãos que levava algemadas, mandou-o fugir. Assim que se viu livre, pôs o preso logo os pés em pólvora, enquanto os da companhia da justiça iam parar a diferentes partes, assombrados com o sucedido. A tudo isto esteve o Soldado a assistir de cima de um outeiro.

Quando a ventania acalmou e juntaram-se os oficiais da justiça para levar o preso, não o acharam em parte nenhuma e, resignados, retiraram-se para as suas casas,

admirados com tal acontecimento.

Naquela noite ficou o Diabinho nas Silveiras, onde obrou tais maldades que seria preciso muitas resmas de papel para se darem notícias de todas, mas, como me faltam informações precisas, que o Soldado não me as deu, manter-me-ei em silêncio, deixando-as às consideração daqueles que conhecem quais são as suas obras.

Quando o Soldado chegou às Vendas Novas já era sol-posto, e na pousada em que se abrigou estava o frade a quem o Diabinho espantara a mula no rio de Montemor, que, por se sentir magoado da queda e temer não achar boa comodidade em Pegões, não quis passar dali, considerando que mais vai longe quem Deus ajuda que quem muito madruga.

Vendo o Soldado, festejou-o muito, agradecido do sentimento que ele lhe mostrara na sua queda, e, recolhendo-se ambos a um canto, o Soldado contou-lhe tudo o que até ali acontecera e de como o Diabinho fora o responsável que lhe espantara a mula para lhe

roubar o presunto e os doces que levava no alforge, dizendo que a pessoa que os dera a Sua Paternidade lhos dera a ele primeiro.

Por todas aquelas razões pedia o Soldado que ele lhe fizesse a mercê de lhe aconselhar o melhor meio para se afastar de tal companheiro, porque o que ele tinha decidido no seu coração era fazer-se religioso na ordem do seráfico São Francisco, que a sua Paternidade professaria se nela o quisessem aceitar, dando de esmola os quinhentos cruzados que trazia, porque ainda que tivesse estado na milícia, tinha bastantes conhecimentos de latim para ser capaz de envergar o hábito de religioso.

Não cessara o frade de se benzer do caso estupendo que o Soldado lhe contara, ao qual disse que a resolução que tomava era o mais seguro meio para se livrar das tentações do demónio e que, em chegando a Lisboa, fosse ao convento de Xabregas e perguntasse pelo guardião de Estremoz, que ele lhe dava sua palavra de o fazer aceitar logo. Mas que até chegar a

Lisboa, fosse convivendo com o Diabinho, porque, sabendo a sua determinação, este não lhe faria nenhum dano.

Assim ficou o Soldado aconselhado, dando grandes agradecimentos ao frade pelo favor que lhe prometia fazer. E com isto, depois de cearem ambos, recolheu-se cada um ao seu aposento, porque o religioso não queria nenhuma comunicação com o Diabinho que viria ter com o Soldado.

* * *

Era meia-noite e já todos teriam descansado um largo espaço quando o Diabinho, sem lhe abrirem a porta e entrando no aposento, começou a fazer das suas.

A primeira vítima foi o estalajadeiro. Entrando no cubículo em que dormia, pôs quanta louça em casa

havia, espalhada pelo chão. De seguida derrubou um alguidar que estava sobre um poial com pedaços de carne. O estrondo acordou o estalajadeiro, pensando que o dito rumor era algum cão que tinha entrado a comer-lhe a carne e, levantando-se da cama, pegou num cacete que tinha sempre à cabeceira e começou a dar com ele com grande fúria. O Diabinho, para que ele não errasse a louça com os golpes, fazia barulho nos locais onde ela estava, uivando de vez em quando para lhe dar a entender que não erraria o golpe no perpetrador do delito que o estalajadeiro imaginava ali estar. A mulher, que tinha acordado com o estrondo das pancadas, conhecendo no motim o dano que este fazia, começou a gritar, dizendo:

— Homem do diabo! Olha que me quebras a louça toda que tenho!

— Pois, valha-vos Barrabás! — respondeu o marido — Não tinhas outro sítio onde pôr a louça, senão no meio da casa? Levantai-vos com Belzebu e acende o lume, que não há de amanhecer vivo este rafeiro que

aqui me anda a uivar entre as pernas, sem eu lhe poder acertar num sítio em que o mate!

Assim o fez a mulher e, acendendo a candeia, viram o destroço em que estavam feitos os pratos, potes, tigelas, púcaros e alguidares. O estalajadeiro pôs logo as culpas à mulher, dizendo que ela tinha ali posto a louça para a ter mais guardada. Ela desmentia-o e eram tantos os juramentos com que afirmava que tal não fizera, que, confuso, o estalajadeiro, vendo que já não tinha remédio o dano que estava feito e que o rafeiro não se podia ter ido embora por estar a porta do aposento fechada, pensava na vingança que determinava fazer. Mas, como o Diabinho desapareceu e o estalajadeiro, apesar de muito revolver todos os cantos da casa, não achou o delinquente que imaginava existir, faz mil sinais da cruz, recolheu-se com a mulher para a cama.

Faltaria pouco mais de uma hora para a madrugada, quando os almocreves e passageiros, pedindo à estalajadeira uma candeia para ir verificar os cavalos,

acharam-nos todos a suar, selados, enfreados e albardados, como se àquela hora tivessem chegado de fora. Com isto pensaram os donos que, depois de dormirem, o estalajadeiro os mandara a Montemor buscar alguma coisa, e sobre isto começaram a dizer que era má cristandade não deixar descansar e comer os cavalos de noite. Reclamaram que este lhe devia pagar qualquer dano que disso resultasse e ameaçaram não voltar a pousar naquela estalagem.

O estalajadeiro esconjurava que tal não fizera e que antes devia ele ter razão para estar queixoso por desconfiar serem eles os travessos que lhe juntaram no seu aposento quanta louça tinha na estalagem, para ele a fazer em pedaços com o cacete pensando que batia nalgum rafeiro guloso. A isso responderam os almocreves que eles não podiam ter feito tal coisa já que ele deixava fechada a porta do aposento em que dormia.

— Pois menos podia eu — replicou o estalajadeiro — tirar as vossas carruagens pela mesma casa onde

estavam alojados e abrir as portas sem vós o sentires!

Com estas fundamentações deram uns e outros por justificação que algum demónio devia de andar naquela casa e o estalajadeiro replicou dizendo que, se assim fosse, ali estava um religioso que, em acordando, ele faria benzer e esconjurar a casa, que o caso se resolvia. Só lamentava não terem eles, para o pequeno-almoço, um prato em que comer ou um púcaro por onde beber.

— Não importa! — responderam os almocreves — Desenrascados como somos, nas mãos comeremos e beberemos pelas borrachas.

E com isto, trataram de dar cuidado aos cavalos e de mandar vir o pequeno-almoço.

O Diabinho, assim que ouviu a resolução do estalajadeiro de pedir ao religioso que benzesse a casa foi, como um desatinado, acordar o Soldado e pediu-lhe que sem demora se vestisse e saísse logo para fora daquela pousada, porque era urgente. O Soldado, para

ser amigo do Diabinho, como lhe tinha aconselhado o referido religioso, fez o que ele pedia. Pagou a estalagem e foi o primeiro que dela saiu.

* * *

Indo os dois, no tempo em que amanhecia, das Vendas Novas para os Pegões, disse o Diabinho ao Soldado, para travar conversa, que estava admirado de ver quão conformado ele vivia, sendo soldado, num tempo em que as maldades dos homens eram tais, que os faziam parecer diabos.

— Isso, — replicou o Soldado — é mentirosa praga tua.

— Pois diz-me — retorquiu o Diabinho — que outra coisa são, senão diabos nas ações, com tanto número de blasfemos, perjuros, traidores, levantadores de falsos testemunhos, corruptos, enganadores, piratas

sem restituição e lascivos desenfreados? Que outra coisa são, senão diabos, os que estão anos e anos em mortal ódio com os seus próximos, sem quererem admitir reconciliação? Que outra coisa são, senão diabos, os que tiram a justiça a quem a tem, para a venderem a quem a compra? Que outra coisa são, senão diabos, os soberbos poderosos que por "dá cá aquela palha", atropelam e vexam os humildes?

— Não prossigas mais no teu infernal discurso, que eu não tenho paciência para te ouvir — disse o Soldado — porque, ainda que por fraqueza humana haja algum sujeito mau e perverso, é infinito o número dos bons que cumprem como devem a obrigação de católicos e não podes dar o nome de diabos aos mais depravados, porque estes não se podem arrepender do seu erro. E os homens, por mais insolentes que sejam, basta para os pôr em graça qualquer firme arrependimento das suas culpas sem tornar a reincidir nelas, como tantos exemplos verificam. De um perseguidor seu, fez Deus São Paulo, de um mercador onzeneiro, São Mateus, de

uma pública pecadora fez Madalena santa e de um salteador de estradas São Dimas.

— Isso era noutros tempos! — respondeu o Diabinho. Porém, neste, são tão poucos os arrependidos, que certo diabo poeta (porque também os há desta arte) fez sobre a referida matéria uma petição em verso ao senhor Lúcifer, que te referirei para divertires o cansaço do caminho e a moléstia da jornada:

“Acuda Vossa Diabrura,

Poderoso Lúcifer,

Que se lhe levanta o mundo

Com a jurisdição que tem.

Todos neles são diabos

Tão exorbitantes, que

Podemos nós deles

Diabruras aprender.

A soberba que aqui reina,

E que despenhar nos fez,

Lá para a dos poderosos

Menina de mama é.

Tudo se compra e se vende

Em almoeda, porque

A razão mais conhecida

Tem o interesse aos seus pés.

A justiça está de sorte,

Que escusa o nosso poder,

Para fazer que se tire

Àquele que mais a tem.

Os bacharéis fazem tudo *(ministros e homens da justiça)*

Quanto querem, mal ou bem,

Que é pior que mil diabos,

Se é perverso, um bacharel.

Os soberbos que a fortuna

De pouco ou de nada fez

Nem no céu nem no Inferno

Entendo que hão de caber.

São lá de sorte os enganos

Ardilosos e cruéis,

Que os nossos para com eles

Ficam de vista a perder.

A mentira que aqui reina

Reina tanto lá também,

Que a verdade anda corrida

Sem ousar de parecer.

Ardis e perversidades

Bem podemos aprender

Hoje os diabos com os homens,

Começando no A. B. C.

Tantos são os que se prestam

Para nos virem ver,

Que são, para se aquentarem,

Poucas as nossas chaminés.

E, posto que estas maldades

Cá se hão de pagar, bem sei,

Não cabe no meu sofrimento

Ver-me nelas exceder.

Deu-se um dia um ao diabo,

E eu, para não o perder,

Querendo lançar mão dele,

Como costumo talvez,

Rindo-se de mim, me disse:

«Tenha-se vossa mercê,

Que, se me dei ao diabo,

Sou diabo também.

E assim, por esta razão,

Que me queira justo é

Para mim tanto portanto,

Pois a mim próprio me dei.»

Veja Vossa Diabrura

Como se pode sofrer

Um desacato tão grande,

Um termo tão descortês.

Nem que qualquer mulherzinha

Possa cada vez que quer,

Com quatro signos salmões

E esconjuros dois ou três,

A todos quantos nós somos

Mandar-nos com o bico do pé,

Por somente interessar-nos

Alma que não vai dois reis,

Quando se nos dão de graça

Imperadores e reis,

Que da balança de Ástrea

Não tem direito o fiel.

No mundo está já o Inferno,

No Inferno o mundo também,

Porque é tal o desconcerto,

Que hoje tudo anda ao revés.

Mais atormenta no mundo

Um poderoso sequer,

Que no Inferno nós outros

Quantas almas a ele vem.

Ponha-se nisto remédio,

Porque não venha a perder

O Inferno, por este modo,

A jurisdição que tem.

São tais no mundo os homens,

Que nos fazem parecer,

Depois de sermos diabos,

Anjos agora outra vez.

Isto pede um diabrete,

Melcatrefe bacharel,

Que se veja e que se emende;

E receberá mercê.”

— Ocioso, — disse o soldado Peralta — devia estar o diabo que fez essa satírica petição, e bem parece ser tua, pois reprova nela o que só podiam ser obras das suas tentações.

— Pois hás de saber — respondeu o Diabinho — que, se os versos não te contentaram, foram muito louvados por Virgílio, Homero, Ovídio, Lucano, Claudiano e outros muitos. Só alguns poetas incultos, que nem eles se entendem a si mesmos nem nós a eles, os

censuraram por serem inteligíveis, e sob pena disso mandou o senhor Lúcifer dar-lhes com ele nos focinhos.

A isto ia o Soldado para responder, mas impediram-lhe uns arrieiros(*) que passavam, a quem o Diabinho, para fazer mal, espantou as mulas e lhe fez derrubar as cargas.

[(*) Pessoa encarregada de arrear (conduzir) e colocar as coisas nos animais de carga.]

Com isto os arrieiros blasfemaram e deram as mulas aos diabos, e o da mão Furada, banhando-se em água de flor pelo gosto que lhe dava aquele malefício, dizia ao Soldado muito mansinho:

— Olha quantas mulas ganhei!

Acabaram os arrieiros de carregar e foram-se embora, moendo as mulas às pancadas e o Soldado,

muito triste, pediu ao Diabinho que não fizesse mal aos caminhantes, porque lastimava muito as moléstias que os seus malefícios faziam; ao que o Diabinho lhe respondeu que, como fazer mal era a sua natureza, não podia deixar de executá-la mas que, para o livrar dessa pena, o levaria por um caminho por onde não encontrassem caminhantes e que, para o divertir, lhe mostraria de passagem, a Casa da Cobiça, que tinha muito que ver.

Bem quis o Soldado escusar o atalho e ver mais representações, mas, a troco de não ver o Diabinho molestar os seus próximos, conveio com a proposta.

Afastaram-se da estrada e, sem saber como, em breve espaço viu-se o Soldado num formosíssimo vale, cercado de um estranho e aprazível arvoredo, entre o qual viu-se um sumptuoso edifício. Aproximando-se dele, viu uma porta chapeada a finíssimo ouro, em que estavam engastadas muitas pedras preciosas. E por cima dela uma placa com umas letras do mesmo metal, que diziam:

“Esta casa estremada

De maior grandeza limita,

É para quem nela habita

Tudo vento, e tudo nada.”

Na referida porta, que estava sempre aberta para os que quisessem entrar por ela, estava, como porteiro, um aprazível velho lisonjeiro, que com grandes vénias e cortesias recebeu o Diabinho e ofereceu ao Soldado entrada franca, louvando com grandes encarecimentos o seu bom gosto em querer ver aquela insigne casa e inclinar-se às delícias dela.

Entrando o Soldado dentro numa divisão decorada com finíssimas pinturas, viu nele uma dama com admiráveis vestes, a quem assistia outra que lhe servia de criada não menos custosamente vestida. A dama estava de pé num pedestal e tinha na mão um escudo

com umas letras que diziam:

“Entre baixos me criei,

Mas com tal sagacidade,

Que na maior dignidade

Hoje já me entronizei.

Com pobres manufatores

Tratava somente então,

Hoje já só me acham

Nos ouvidos dos senhores.

Fui no tempo desprezada,

Que trabalhava sem fruto,

Mas hoje já valho muito

Por meio desta criada.”

Admirado estava o Soldado em ver aquela grandeza e o enigma daquelas figuras. Perguntou ao Diabinho quem eram, o qual respondeu que o velho que servia de porteiro era o Engano e a dama que sobre o pedestal era a Mentira, e a que lhe servia de criada a Lisonja. Assim entendeu o Soldado os versos dos referidos epigramas, que o tinham confuso e admirado.

Deixando aquela divisão subiram uma grande escada, ao cimo da qual estava um patamar com uma porta defronte cerrada e, batendo o Diabinho nela, perguntaram de dentro quem eram e o que buscavam. O Diabinho respondeu que eram dois forasteiros que por curiosidade tinham vindo visitar aquela casa.

— Dava-lhes eu de conselho – disse uma voz de dentro — que tal não o fizessem, para não se enganarem com as aparentes delícias e riquezas desta fantástica e fabulosa mansão com que a dona dela

engana os que ingenuamente a ela se entregam.

— Já vimos acautelados do seu engano — replicou o Diabinho – por isso podeis abrir a porta.

— Não me atrevo, senhores, a obedecer-vos — disse o guarda — porque, além das advertências que já vos fiz do perigo a que vos arriscais, está nesta sala que guardo uma dama nua, a mais formosa que criou a natureza e a mais estimada do Céu, e não quer que ninguém a veja tão descomposta. Por outra parte podeis prosseguir a vossa vista, que vos será menos dificultoso a entrada.

Como o que dificulta é o que mais apetece, o Soldado, estimulado pelo desejo de ver tão formosa dama, disse ao Diabinho que insistisse com o guarda para lhes abrir a porta e, como para o Diabinho não eram necessários pedidos para arriscar perigos, ordenou ao criado que a abrisse logo, senão iria queixar-se à senhora daquela casa pela sua descortesia; ao que respondeu o guarda, abrindo a porta:

— Eu fiz o que tinha a obrigação de fazer por quem sou mas, já que vocês não querem aproveitar as minhas advertências, entrai como quiserem.

Lá dentro, viu o Soldado que o guarda era um velho muito severo e que a sala estava sem adereço nenhum; e a um canto dela estava uma donzela nua, da mais rara beleza, segundo testemunhava o rosto, pois um escudo que a cobria toda só a deixava ver por cima dele, no qual estava escrito o seguinte epigrama com letras de chumbo:

“O meu ser, que já floresceu,

Aqui preso, pobre vive,

Sendo tão nobre, que tive

O meu nascimento no Céu.

Mas, já que na Terra assim

Me vejo tão desprezada,

Para o Céu, envergonhada,

Voltarei a onde vim.”

Admirado o Soldado da gravidade daquelas figuras, perguntou ao Diabinho quem eram e ele respondeu que o guarda era o Desengano e a dama nua a Verdade (um e outro seus declarados inimigos e contrários à dona daquela casa), que se prezava de andar nua para mostrar que a sua clareza não necessitava de nenhum adorno para ter crédito. Mas, era por estar despida e nua, que nenhum crédito se lhe dava, a cujo propósito disse certo poeta:

“Desnuda a la Verdad pintan, *(Nua, a Verdade pintam)*

Pero fue retrato impróprio, *(Mas é um retrato impróprio)*

Pues si lo está quien la dize *(Pois quem assim discursa)*

Pierde crédito y decoro.” *(Perde crédito e decoro)*

Se ela quisesse ser granjeada, era melhor adornar-se mais e não andar entre os pobretes. É por isso que aquela dama preza-se a um canto daquela desarmada sala.

A isto respondeu o Soldado que as virtudes não precisavam de adorno para serem valorosas e que os vícios sim, porque os custosos fatos com que se vestem desmentem a iniquidade do seu ser. E sobre isso diz um engenho:

"La Lisonja y la Mentira *(A Lisonja e a Mentira)*

andam guarnecidas de ouro, *(andam cobertas de ouro)*

por acreditar seu engano *(para encobrir o seu engano)*

de las galas el adorno." *(com vestes e adornos)*

— Deixemos essa questão, — replicou o Diabinho — que não convém averiguá-la, e passemos adiante para outra sala.

Assim o fizeram e caminhado por uma arcada foram ter a uma divisão onde se achava uma porta, também fechada. Bateu o Diabinho nela, e de dentro responderam-lhe com toscas palavras, perguntando-lhes quem eram e o que queriam, ao que disse o Diabinho que eram dois forasteiros que andavam a ver aquela casa. A voz replicou perguntando-lhe se eram parvos ou gente indiscreta, porque, se fossem parvos, podiam entrar confiados, mas se fossem indiscretos, não seriam admitidos, porque a dama daquela sala tinha decidido, pela sua tirania, não conceder favores a não ser aos que menos os merecessem.

Admirado ficou o Soldado em ouvir tal coisa, e o Diabinho respondeu:

— Ora, abra vossa mercê, que quem se não aventurou não perdeu nem ganhou.

Ao que a voz replicou, abrindo a porta:

— Entrem vossas mercês, e a sua ventura lhes valha!

Entrados na sala, o nosso Soldado e o seu familiar endiabrado viram que a voz que lhes falara era a de uma mulher tonta, segundo mostravam as suas ações e o desalinho da sua figura, e que servia de criada. O aposento estava ricamente decorado e no meio dele uma grande roda de ouro em contínuo movimento. Ao pé dela estava uma formosa dama que com um braço estava a derrubar alguns sujeitos que pretendiam subir para cima da roda e com o outro braço empurrava-os para cima. Sobre a roda estavam ainda colocadas outras duas damas: uma delas derrubando algumas pessoas que tinham subido e a outra segurando com mão outras, para que não caíssem.

A que estava ao pé da roda tinha no peito escrito isto:

“Na roda que a minha pessoa manda

Quem subir tenha-se bem,

Não se segure ninguém,

Que, assim como anda, desanda!”

A primeira dama que estava sobre a roda, derrubando alguns que tinham subido, exibia também o seu peito com o seguinte epigrama:

“Sou tão execrável vício

E é o meu rigor tão estranho,

Que a todos os que acompanho

Tem certo o seu precipício.”

No peito da segunda dama que estava sobre a roda, segurando os que tinham subido, lia-se também as letras deste epigrama:

“O que nas felicidades

Sabe comportar-se comigo

Está livre do perigo

De adversas calamidades.”

Depois que o soldado Peralta, com a devida admiração, contemplou o enigma da representação daquelas figuras e leu os referidos epigramas, para se inteirar bem do seu verdadeiro significado, perguntou ao Diabinho que pessoas eram aquelas.

Este respondeu-lhe que a que servia de criada era a Ignorância, muito favorecida da Fortuna, que era a residente daquele quarto e que estava ao pé da roda. Os sujeitos a quem impedia a subida eram os beneméritos e os a quem ajudava a subir os que careciam de merecimento. A dama que estava em cima da roda, derrubando alguns que tinham subido, era a

Soberba, amiga da Fortuna, porque o que com ela se ganha nas felicidades também as faz derrubar.

— Assim é — disse o Soldado — que esse mal tem as bonanças, que raro é o sujeito a quem não mude a natureza quando as ganha.

— Não mudam — replicou o Diabinho — que a essa natureza já a tinham antes, mas não a manifestavam porque não podiam. Porque as honras e as riquezas não mudam os homens, mas são o toque em que se descobrem o que a humildade da pobreza desmentiam. E prosseguindo no que me perguntaste, hás de saber que a segunda dama, amiga da Fortuna, que está também sobre a roda, segurando os que tinham subido, é a Prudência, porque com ela se seguram, sem perigo, as bonanças e as felicidades.

Gostosíssimo ficou o Soldado de ouvir a declaração do Diabinho, louvando consigo muito a propriedade dos epigramas e as figuras pelo que significavam.

Saindo daquele aposento, passaram por um largo

corredor e no final foram ter a um grande salão cujas portas estavam abertas de par em par e sentado à entrada, numa cadeira de ouro, estava um mordomo, que era um velho consumido. Entraram no salão sem este lhes dar palavra nem defender a entrada, porque esta se dava francamente a todos.

Estava o grande salão ornado de pinturas com sanefas de brocado de tressalto e no meio dele um enorme trono guarnecido a pérolas e diamantes, e sentado nele uma dama ricamente vestida e ornada de preciosas joias, a qual no peito tinha escrito o seguinte:

“Sou tão má de contentar

E de condição tão crua,

Que estou, por mais que possua,

Sempre mais a desejar.

Qualquer alheia pobreza

Que de posse não me vejo,

Com insaciável desejo

A inveja logo a minha riqueza.

E por mais riqueza que sobre

Ao meu depravado intento,

Com nenhuma me contento,

Pois penso sempre que sou pobre.”

À sua volta havia servos que a reverenciavam com vénias e cumprimentos e traziam-lhe, de vez em quando, joias e peças de ouro que ela logo agarrava, se enfadava, e pedia mais.

Espantado, o Soldado perguntou ao Diabinho que gente era aquela, ao que ele satisfez dizendo que o velho criado era o rei Midas, aquele que era ambicioso de riquezas que um dia pediu aos deuses a gentileza de

que tudo em que tocasse se convertesse em ouro, o que lhe foi concedido para castigo da sua ambição.

— Agora está consumido e fraco, porque até os alimentos que toma nas mãos para comer convertem-se em ouro. A dama, que é a dona desta casa, é a Cobiça, a quem Lucifer deve grandes agradecimentos pelas muitas almas que encaminha ao Inferno, e tem por criados este servos que lhe vão oferecer tudo o que Midas, pela virtude que lhe foi concedida, está sempre a converter em ouro, apesar dela nunca se fartar de as receber.

Atónito estava o Soldado da consideração daquelas maravilhas, imaginando que eram fábulas sonhadas ou ilusões fantásticas do seu companheiro, mas, viu que os seus sentidos operavam livremente e que aquilo não eram figuras da sua imaginação. E para se livrar das perturbações que tinha, pediu ao Diabinho que seguissem a jornada, porque era tarde e ele não queria ver mais do que já tinha visto. Querendo comprazê-lo, o Diabinho acenou que sim com cabeça, mas quando

foram para sair da sala do trono, acharam a porta fechada.

Pediu então o Soldado ao mordomo, com muita cortesia, que abrisse a porta mas a este pedido ele respondeu que sem ordem expressa da sua senhora não a podia abrir, porque todos os que entravam na sua casa ficavam dedicados ao seu serviço. Rapidamente o Soldado lhe respondeu que isso caberia aos grandes e poderosos, mas a ele não, que era um pobre soldado que se contentava com a sua limitação, sem aspirar a grandezas.

— Estragado gosto tens, forasteiro — disse então a Cobiça — pois te pagas com misérias em vez de riquezas como estas que aqui vês!

— Nas misérias me criei, senhora, — respondeu o Soldado — e nelas quero viver, pelo que vos peço que me façais a mercê de me mandar abrir a porta.

Mas ela replicou que era impossível quebrar a lei da sua morada e o Soldado, enfadado, respondeu que ou

pela porta ou pelo telhado havia de sair.

Com estas palavras ouviu-se um grande reboliço no meio dos servos da Cobiça e levantando-se ela cheia de raiva do seu trono, ordenou-lhes que prendessem o Soldado. Estes arremeteram-se logo na sua direção e o Soldado, vendo que na sala havia armas de elevada riquezas, servindo-se da arte de soldado, agarrou e empunhou uma espada de que tomou mão, jurando que havia de tirar a vida de quem se aproximasse dele.

— Criminoso! — diziam todos a altas vozes.

Entanto isso, estando o Soldado de espada em punho, virado para eles, Midas, vindo detrás, ia-se aproximando sorrateiramente para pegar o Soldado pelas costas.

Porém, o Diabinho, vendo aquilo, gritou ao Soldado para se desviar, porque se o Midas lhe tocasse convertia-o numa estátua de ouro, ao que o Soldado se apressou a cumprir, gritando ao Diabinho que era ele o culpado por se ver naquele perigo e que tendo

prometido livra-lo de males, metera-o naquele perigo.

O Diabinho, já satisfeito dos sustos que lhe tinha dado, encheu o peito e berrou a Midas que abrisse a porta imediatamente, porque o livre arbítrio não se podia forçar. Mas Midas respondeu que não a abria. E, sobre “sim, hás de abrir; não, não vou abrir”, houve uma revolta de todos os diabos.

Midas teimava, o Diabinho estava resoluto, o Soldado confuso e os assistentes da sala gritavam que não havia de haver no mundo um homem tão inferior às suas qualidades que fosse mais privilegiado e capaz de se livrar dos laços em que eles tinham caído. Já a Cobiça protestava e dizia ao Diabinho que se tentasse tirar o Soldado da sua jurisdição iria fazer queixa ao grande Lucifer, pois em vez de o persuadir ao seu engano, como tinha obrigação de o fazer, queria-o livrar dele. Ao que o Diabinho respondeu que não se tratava disso, porque ele tinha feito bem o seu ofício, que era só tentar e persuadir os Homens aos vícios. O que não se podia fazer era forçar o livre arbítrio deles,

que o Soberano Autor da natureza não o permitia, e que não podia Lúcifer castigá-lo por isso, porque fazia retamente justiça aos seus vassalos.

Sobre estas razões houve grandes discórdias entre ele e a Cobiça, até que, sem mais nem menos, pegou o Diabinho no Soldado por um braço e levou-o pelos ares por uma janela fora. E sem saber como, achou-se de repente o Soldado às portas da vila de Pegões.

* * *

Depois de discutir longamente com o Diabinho sobre a aflição tinham passado quis o Soldado restabelecer-se para fazer esquecer as tropelias que lhe tinham dado a volta à cabeça e entrou sem grandes justificações por uma taberna adentro para tomar alguma refeição, ficando o Diabinho do lado de fora.

Estavam alguns passageiros a almoçar na dita taberna e, porque não podia o Diabinho deixar de ali

fazer também das suas, tomou a forma de um lobo e pôs-se a passear em frente da porta, diante de todos.

— Haverá desaforo maior que o deste animal — disse um passageiro — que em pleno dia esteja aqui tão arrogante à nossa vista, sem temer o dano que nele podemos fazer? Motivo é que o pague com a vida!

E, dizendo isto, pegou numa clavina(*) e dirigiu-se em direção ao lobo para lhe dar um tiro com ela. E atrás dele saíram todos os que em casa havia, uns com espadas, outros com pedras, dardos e cacetes, exceto o Soldado que, percebendo que era uma travessura do Diabinho, deixou-se ficar a comer.

[(*) Arma de fogo; uma versão primitiva da espingarda.]

O que saiu com a clavina deixou-se logo ficar à porta, fez mira e atirou, mas acertou no vento, porque o falso lobo, ao mesmo tempo que o homem deu o tiro, deu um grande salto, e passou-lhe o tiro por baixo. As

pedradas também choveram em vão e os das espadas e restantes armas, quando pareciam que lhe davam golpes, davam-nos no ar. Os pastores, que tinham acudido ao reboliço, gritaram, atiçando os respectivos rafeiros, eles, porém, em vez de atacarem o lobo, fugiram amedrontados. E assim, zombando de todos, manteve-os o falso lobo, durante mais de uma hora, em árdua perseguição, levando-os a passar nos lugares mais espinhosos e perigosos daquela charneca, em cujas covas e barrancos muitos caíam e magoavam-se, até que, apercebendo-se de que não o conseguiam apanhar nem fazer dano, contentaram-se em afugentá-lo a puros brados e apupos. Mas ele, rindo-se para si, deu-lhes a entender ao fim de um logo bocado de que aquilo nada servia. E assim deixaram-no, depois de ficarem roucos de tanto gritar, e foram-se embora suados e tressuados.

CAPÍTULO 5

Depois de almoço, o Soldado saiu da pousada e foi caminhando enquanto durou a perseguição do lobo, desejando ter com aquilo perdido finalmente o seu companheiro infernal.

Chegando ao sítio de Vale-de-Cebolas, apareceram-lhe quatro salteadores, com clavinas, pistolas, bigodeiras e carapuças, os quais disseram ao Soldado que largasse o alforge que trazia. Ele respondeu cortesmente que suas mercês deviam de andar nalgum aperto de necessidade para recorrer a tão excessivas ações e que por isso, com grande vontade, oferecia-lhes o dinheiro que trazia, que não passava de quatro mil reis, desculpando-se muito por ser tão limitado. Pedia apenas que suas mercês lhe deixassem dois tostões para o gasto da estalagem de Aldeia Galega, pois seria um

grande favor que lhe fariam.

A isto responderam, depois de ele entregar a bolsa, que estava o companheiro muito mal vestido e por isso era preciso também despir o que trazia, senão quisesse arriscar a vida. Nisso não consentiu ao inicio o Soldado, por ter alguma garra de soldado para se pôr em resistência, mas, considerando a desigualdade das duas partes e a vantagem das armas que os outros tinham, ganhou temeridade. Por isso largou as calças e o gibão,(*) pedindo-lhes que se contentassem com aquilo e o deixassem em ceroulas e com a sua espada, pelo privilégio de soldado que tinha sido durante mais de vinte anos, em Flandres.

[(*) Veste de homem usado durante o século XIII até século XVII]

Um dos salteadores, com a clavina armada, replicou-lhe dizendo que se contentasse com as ceroulas por honestidade, e com a espada por mérito de soldado, e

que do resto se despojasse logo e com muita pressa.

O Soldado começou a despir as calças e o gibão em que trazia cozidos os quinhentos cruzados, com grande mágoa do seu coração pois os tinha prometido para as obras do convento onde se queria recolher, se bem que por outra parte se consolava, considerando que o dinheiro do diabo não podia deixar de ter semelhante fim e que sem ele ficava mais fácil poder afastar-se da sua companhia demoníaca.

Já estavam os salteadores a recolher os despojos do Soldado quando... ouvindo-se um tropel de cavalaria e uma voz que dizia: “Deem-se à prisão ladrões, da parte de El-Rei! Cerca! Cerca! Prende! Prende! E os que resistirem morrerão”, aligeiram-se logo todos para melhor correrem e porem os pés em polvorosa, imaginando que tinha sido armadilha da justiça mandar o Soldado sozinho adiante, para os apanharem.

— Deve ser isso — disse um do bando a outro, indo a fugir — mas a nossa ambição teve a culpa, pois se nos tivéssemos contentado com os quatro mil reis,

podíamos estar já no Japão, sem nos vermos agora neste perigo. Agora se não tivermos asas nos pés como Mercúrio,(*) não sei como nos havemos de livrar deles, "que quien todo lo quiere, todo lo pierde." (quem tudo quer, tudo perde)

[(*) O mensageiro dos deuses, segundo a mitologia romana.]

O Soldado, julgando que era a justiça que tinha deixado na estalagem da Silveira, que trazia o preso a Lisboa, não cessava de dar graças ao Céu por a trazer ali em tão boa hora.

Nesta consideração estava o Soldado, vestindo-se muito depressa, quando lhe apareceu o Diabinho, e lhe disse:

— Que seria de ti, companheiro, e com que cabedal entrarias em Lisboa, se eu não te socorresse com o estratagema que fantasticamente armei? E não me deves pouco nisto pois, contrariamente à minha

natureza e à minha obrigação, salvaguardei a tua comodidade, enquanto desprezei completamente a daqueles salteadores, que vivem tão pecaminosamente, correndo o risco de lhes dar temores da suposta justiça e de leva-los a ponto de emendar a vida. Mas, como já te disse, não sei que secreta coisa me obriga a fazer por ti semelhantes finezas.

O Soldado respondeu-lhe, admirado do sucedido, que no modo que lhe era possível lhe agradecia a boa vontade que ele mostrara. E com isto prosseguiram a sua jornada, fazendo o Diabinho pelo caminho mais das suas travessuras.

* * *

Chegaram a Aldeia Galega antes do sol-posto e o Diabinho disse ao seu companheiro que se agasalhasse na primeira pousada que lhe parecesse, porque naquela noite não lhe podia dar companhia pois tinha muito

que fazer com os barqueiros daquela terra, que eram já piores do que ele, de tal maneira que naquela vila já nem se dizia a praga de “Que te leve o Diabo!” mas sim a de “Que te leve um barqueiro!”, porque a consideravam pior. Por isso ele, como fiscal generalíssimo do Inferno, não podia deixar passar em claro tal suplantação e havia-os de castigar como mereciam. Que se contentassem em serem blasfemos, piratas, enganadores e o "non plus ultra" de todas as maldades, sem quererem usurpar para si as ofertas que se costumavam fazer aos espíritos malignos, algo que constituía um crime de lesa-majestade contra o seu domínio.

Rindo-se o Soldado do que o Diabinho dissera dos barqueiros, respondeu-lhe que lhe agradecia que ele o deixasse descansar naquela noite, sem que fosse atormentar a pousada em que estivesse, para não o inquietar. E com isto afastou-se dele e acomodou-se na que melhor lhe pareceu enquanto o Diabinho da mão Furada se dirigiu ao cais para se entender com os

barqueiros.

À janela estava o Soldado do seu cubículo, quando viu que chegava o frade que tinha deixado nas Vendas Novas. Desceu abaixo e pediu-lhe que ficasse naquela mesma pousada com ele. O religioso escusou-se dizendo que havia de estar também nela o Diabinho e não queria participar da sua inquietação, como acontecera nas Vendas Novas. Ao que replicou o Soldado que bem podia Sua Paternidade fazer-lhe a mercê do que ele lhe pedia, porque naquela noite não viria o Diabinho aonde ele estivesse, pois assim lho prometera, devido a ter muito que fazer naquela noite com os barqueiros. Respondeu então o frade que, uma vez que o Diabinho não iria ali causar confusão, ficava contente por se agasalhar ali.

Apeou-se o religioso, deu o Soldado ordem para recolherem a mula e subiram para um aposento, onde, sentados, referiu o Soldado ao frade tudo o que o Diabinho fizera nos Pegões e de como o livrara dos bandidos que lhe apareceram em Vale-de-Cebolas,

enquanto o religioso se benzia muitas vezes e se admirava.

Depois dos conselhos espirituais que o frade lhe deu, sobre os enganos do demónio e sobre a vida de religioso, foram tomar a ceia, que ficou por conta do Soldado pois não quis consentir que o religioso gastasse coisa alguma.

Edificado dos conselhos e resoluto em trocar a milícia do mundo pela milícia celestial, assim que se acabou a ceia, começou a descoser da roupeta e do gibão os quinhentos cruzados em ouro que trazia, pois, como tinha dito, queria-os dar de esmola ao convento onde havia de professar, e pediu muito ao frade que os quisesse ali receber, porque na sua mão estavam mais seguros. No caso de o demónio, irritado por ele deixar a sua companhia, os querer reaver, uma vez estando o dinheiro com Sua Paternidade ele não havia de se atrever, pelo respeito da sua virtude de sacerdote e do hábito que trazia. E concluía isto porque viu como ele ficou a tremer de puro medo depois de ouvir o

estalajadeiro das Vendas Novas dizer aos hóspedes que ia chamar a Sua Paternidade para benzer a casa.

Mas o religioso recusou receber o dinheiro, tanto por ser do diabo, como porque a sua fé o impedia a levá-lo consigo, contudo, agradecido das boas ações do Soldado e dos desejos que nele via em se consagrar a Deus, disse-lhe que guardasse o dinheiro no alforge e que não se afastasse mais da sua companhia, que ele o livraria de tudo com rezas e exorcismos que faria ao demónio.

O Soldado ficou muito contente, prometendo que assim o faria e com isto, recolheram-se a descansar.

* * *

O Diabinho, assim que se afastou do Soldado, foi-se pôr a passear no cais, esperando pelos barcos que vinham de Lisboa. Chegou um à vela e remo para

tomar a dianteira a outro e para ocupar o cais primeiro. O arrais (homem que comanda o barco) do barco que ficava atrás, quando chegou ao cais, vendo que não tinha lugar para descarregar, disse ao arrais do que ficara à frente que desatravessasse o barco e o virasse da proa para o cais pois assim, caberiam todos, ao que respondeu o do primeiro que tivesse ele paciência, pois ele tinha chegado primeiro e que primeiro havia de descarregar. O do segundo replicou que, se não fosse por ele lhe ter roubado um dos remos e molhado a vela, não teria sido o primeiro a chegar, porque o seu "caravelão" deixava o seu raquítico barquinho a perder de vista.

E na discussão de “Afasta o barco! — Não, não afasto!” e outras razões que o Diabinho atiçava e fomentava, começou a travar-se entre eles uma cruel briga, chovendo nela palavrões maldições e ameaças de morte. Depois foi a briga aumentada quando outros barcos se aproximaram e cujos donos se dividiram em favor de uma e outra parte, até que, depois de muitos

escalavrados, chegou a justiça para tentar meter ordem naquilo.

* * *

Ao estrondo e gritaria dos "aqui d'el-rei" que se ouviu vindo do cais, acordou o Soldado, e, indo à janela do seu cubículo e vendo o que passava, disse ao frade:

— Ouve vossa Paternidade o terremoto que o meu companheiro está a fazer entre os barqueiros? Até parece que se acaba o mundo!

— Sim, ouço, — respondeu o frade — e aqui me estou a encomendar a Deus e a pedir-lhe interiormente nos deixe passar bem o rio e nos livre dele.

— Assim o espero, — respondeu o Soldado — por orações da vossa Reverência e intercessão do seráfico S. Francisco, que eu a todo o risco não o hei de consentir mais na minha companhia, valendo-me da

defesa de Vossa Paternidade.

* * *

Já estava a amanhecer o dia e já era maré alta, quando dois barqueiros que a justiça não prendeu, para poderem ficar a fazer as travessias daquele dia, ao voltarem aos seus barcos ficaram atónitos, porque o Diabinho, para os atiçar, tinha desamarradas as velas dos barcos, tinha posto os lemes fora do seu lugar, tinha levantado as âncoras e posto os remos a boiar, que, se houvesse mais água crescida, poderiam os barcos sem dono navegar para onde o vento os levasse.

Um deles que se gabava de ser um grande capataz, julgou que aquela travessura devia ter sido feita por algum do bando contrário e afirmou com grandes juramentos que se ia vingar de quem tal fizera. Por seu lado, um outro, do outro bando, que também julgava o mesmo, com consagrados votos e revotos, prometia

executar semelhante vingança.

O Diabinho, que andava entre eles a motivar tudo, para atiçá-los ainda mais, dizia que era muito mal feito, sendo todos companheiros, fazerem-se aqueles desatinos, aqueles "em-que-te-pezes" uns aos outros. E, estimulado, o que falou primeiro disse que aquelas moléstias eram obras de cobardes, fracos e desavergonhados que, por se não terem coragem de enfrentar como pessoas, vingavam-se naquilo. Ao que replicou o segundo que o mesmo afirmava ele e sustentaria em toda a parte, se houvesse quem o quisesse contradizer:

— Porque eu não temo nem devo e tanto me dá aqui como ali, que em toda parte se come pão.

— Pois eu — respondeu o primeiro — não morro de atabafado nem deixo passar carruagens por cima de mim, que tenho mais de arrojado do que sofrido! Essas tuas palavras trazem água no bico! Para quê tanta conversa quando se pode ter lugar as obras? Aqui estou para as experimentarmos!

E agarraram numas varas para lutarem com elas, mas, como naquele momento, por ter amanhecido, vinha já muita gente para embarcar, não puderam ir diante e a obrigação do trabalho meteu-os em paz, pedindo-lhe que se acalmassem e não se dissesse por eles: “Quem é teu inimigo? O oficial do teu ofício.”

Neste tempo saía já o Soldado da pousada em companhia do frade, para embarcarem os dois, quando acharam à porta um pobre com duas muletas que se mostrava aleijado de uma perna, a qual trazia encolhida e tapada com trapos, e o vestido muito roto e cheio de remendos. Este pediu uma esmola ao Soldado com grandes lástimas e rogos e, indo ele dar-lha, o Diabinho, que estava à espreita veio a correr e disse que não o fizesse, porque aquele homem era o mais perverso e desalmado que havia o mundo, como depressa o veria. E virando-se para o mendigo, disse-lhe:

— Maior esmola que a que pedis, quero eu vos fazer, e esta consiste em dar-vos por troca dessa roupa que

trazeis tão rota e remendada, outra nova que aqui tenho, para vos cobrir as carnes e vos defender do frio, que me entristece ver-vos assim tão desamparado.

Atónito estava o Soldado e o frade em ver a oferta do Diabinho e esperaram o fim em que havia de resultar aquilo. O pobre respondeu ao Diabinho que o nosso Senhor lhe pagasse a vontade com que, compadecido dele, lhe oferecia aquela caridade, mas que a troca de roupa ele não aceitava, porque com o que trazia esfarrapado e roto, ainda que fosse incómodo, provocava mais compaixão às pessoas para lhe darem esmola.

— Maldito sacana, — replicou o Diabinho — Pensas que mamo no dedo? Não sabes que te conheço como sendo o mais facinoroso pirata que salteou as águas e as estradas, onde exercitastes tantas mortes e latrocínios, e agora descaradamente, com falsas lástimas e falsos trapos, onde trazes cosido um tesouro de trezentos dobrões, vens ainda roubar as esmolas dos pobres?

Ficou o falso mendigo tão sobressaltado e tão fora de si de ouvir as verdades que o Diabinho disse, que não teve outra coisa a responder a não ser:

— Senhores, se tal é verdade, levem-me todos os diabos, ou todos os barqueiros, que são piores que eles!

— Ora já que assim é, enquanto não lanço mão a essas palavra, vou dar o recado à justiça, que ela averiguará esta questão.

Mal acabou o Diabinho de pronunciar estas palavras, fingindo que ia dar recado à justiça, quando o falso pobre, sarando subitamente, fugiu como se estivesse montado no vento; e bem podia Atalanta (*) invejar a sua ligeireza.

[(*) Atalanta, da mitologia grega, é uma das raras mulheres helénicas (gregas) guerreiras, da antiguidade clássica. Protegida por Ártemis, a deusa da caça, era uma das caçadoras mais hábeis e ágeis que existiram, sendo também aquela que da raça humana era a mais veloz, podendo competir com Hermes e Íris, deuses famosos pela sua rapidez.]

O Diabinho, que já tinha reparado nas relíquias, dadas pelo frade, que o Soldado trazia ao pescoço, e tanto pela resistência que a virtude delas provocavam para chegar até ele, como temeroso que o frade, que agora o acompanhava, o descompusesse com algumas rezas e exorcismos, preferiu trocar aquele passarinho que se mascarava de pobre, que já tinha na mão, pelo Soldado; por isso despediu-se dele com a promessa de que um dia se voltariam a encontrar e desapareceu atrás do falso pobre.

Ausente o Diabinho, ficou o frade admirado de ver qual era afinal a natureza do demónio, pois no fim de contas perseguia e castigava mais os seus sequazes*(*)* que qualquer outro, como se viu no exemplo do falso pobre e na disputa que desencadeou entre os barqueiros, de quem se dizia fazerem tantas maldades.

[(*) alguém do mesmo bando ou da mesma natureza)]

O Soldado, por seu lado, não cessava de dar graças a Deus por se ver livre de tão infernal companheiro.

Embarcaram por fim e, enquanto durou a viagem, fez o frade, pois era um grande letrado, um sermão aos passageiros sobre os ardis e os enganos do diabo, contando-lhe a história do soldado Peralta e a prudência com que ele não se deixara vencer por eles, exortando aos barqueiros que se reformassem e fossem mais timoratos, porque até o diabo admitia que eram piores que ele mesmo, e que, com inveja disso, andara a noite passada entre eles criando motes para que se espancassem e ferissem uns aos outros em mortal ódio. E no final todos se benzeram muitas vezes, ficando edificados com as exortações do religioso.

Acabada a viagem, que foi muito boa, e em desembarcando, lá foi o soldado Peralta com o frade a caminho do convento de Xabregas, onde no dia seguinte lhe foi dado o hábito do seráfico S. Francisco, que ele recebeu com grande orgulho, gosto e alegria.

FIM